

Pelos Caminhos de Portugal

Giani Rabelo

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa


Karina de Fátima Gomes

Leonardo José Freire Cabó

Liliane de Oliveira Neves

(Organização)





2019 ©Copyright UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário – C.P. 3167 – 88806-000 – Criciúma – SC
Fone: +55 (48) 3431-2500 – Fax: +55 (48) 3431-2750

Reitora

Luciane Bisognin Ceretta

Vice-Reitor

Daniel Ribeiro Preve

Conselho Editorial

Dimas de Oliveira Estevam (Presidente)

Ângela Cristina Di Palma Back

Fabiane Ferraz

Marco Antônio da Silva

Melissa Watanabe

Merisandra Côrtes de Mattos Garcia

Miguelangelo Gianezini

Nilzo Ivo Ladwig

Reginaldo de Souza Vieira

Ricardo Luiz de Bittencourt

Richarles Souza de Carvalho

Samira da Silva Valvassori

Vilson Menegon Bristot



Pelos Caminhos de Portugal

Giani Rabelo
Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa
Karina de Fátima Gomes
Leonardo José Freire Cabó
Liliane de Oliveira Neves
(ORGANIZAÇÃO)

AUTORES(AS)

Bruna Potech
Camila Elizandra Rossi
Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa
Carolina Faria Alvarenga
Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira
Ericka Martins de Matos
Evaldo Balbino
Giani Rabelo
Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo
Karina de Fátima Gomes
Leonardo José Freire Cabó
Liliane de Oliveira Neves
Margaret Seghetto Nardelli
Maria Nilvane Zanella
Tauani Zampieri Cardoso
Willian Diego de Almeida



Criciúma
UNESC
2019

Editora da UNESCO

Editor-Chefe: **Dimas de Oliveira Estevam**

Revisão ortográfica e gramatical: **Prefácio revisado por Margareth Maria Kanarek, sob a coordenação da Editora da Unesc e apresentação, textos dos(as) autores(as), verbetes e expressões por Mônica Baêta Neves Pereira Diniz, sob a coordenação dos(as) organizadores(as) da obra.**

Projeto gráfico e diagramação: **Rita Motta**, sob coordenação da Gráfica e Editora Copiart

Capa: **Luiz Augusto Pereira**, sob a coordenação da Editora da Unesc

A revisão ortográfica e gramatical para a publicação do livro foi realizada sob a responsabilidade e supervisão dos organizadores da obra.



As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus(suas) autores(as) e de seus(suas) organizadores(as).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P392 Pelos caminhos de Portugal [recurso eletrônico] / Giani Rabelo ... [et al.] (organização) ; autores(as), Bruna Potechi ... [et al.]. – Criciúma, SC : UNESCO, 2019.
122 p.

Modo de acesso: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/300/5886/>>.

DOI <http://dx.doi.org/10.18616/portugal>
ISBN 978-85-8410-100-9

1. Pesquisadores – Crônicas. 2. Pesquisadores – Narrativas pessoais. 3. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD – 22.ed. B869.4

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESCO

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora da Unesc.



PREFÁCIO

"Só o estudo ameaça o estudante. Em seu abandonar-se ao estudo, o estudante renunciou a tudo o que poderia torná-lo seguro. Não só as pequenas seguranças da vida prática, desse mundo diurno da ação e do trabalho, desse mundo seguro no qual cada um é o que é, sabe o que fez ontem e o que fará amanhã, e o que deseja e o que tem, mas também às outras seguranças: da verdade, da esperança, da ação, da cultura e da significação. O estudante renunciou ao que poderia tornar seguro o próprio estudo. Daí o perigo." (LARROSA, 2003, p. 12)

A reflexão de Jorge Larrosa, que abre este prefácio, instiga-nos a pensar nas quinze narrativas autobiográficas produzidas por estudantes de doutorado e pós-doutorado que estiveram em Portugal entre os anos de 2017 e 2018. Neste livro, "Pelos Caminhos de Portugal", esses(as) autores(as) significam, então, as experiências vividas fora do Brasil no tempo em que desenvolveram sua formação acadêmica. Trata-se de um convite aos(às) leitores(as) que têm em seus horizontes o desejo de realizar uma viagem de estudos.

A proposta de escrita emergiu entre esses sujeitos, que encontraram nas conversas por *WhatsApp* uma espécie de refúgio, ou seja, um espaço em que poderiam "falar" e também ser "ouvidos", na busca por uma melhor inserção em Portugal e em suas diferentes Universidades. Nesse sentido, de imediato, chama-nos a atenção a adesão do grupo à ideia de registrar suas memórias recentes. Em meio às atividades acadêmicas e diante das muitas possibilidades de conhecer novos lugares, por que se permitirem uma parada para tal reflexão? Seria essa uma quase necessidade de perenizarem o que viveram? Seria um desejo de arquivar a memória, como um dever, atrelado à percepção de aceleração do tempo?

Há questões profundas que atravessam essas práticas de arquivamento do eu, mas o presente contínuo instalado entre nós coloca-se como único horizonte possível. É essa obsessão pela memória que se manifesta no gosto pelo passado e na obrigação de preservar, acompanhada pelo esforço de nada se esquecer, que faz a dimensão memorial ser algo importante nas nossas existências (HARTOG, 2013; SARLO, 2007).

Nesse sentido, cada autor(a), considerando seus percursos de vida e suas motivações para a viagem, escolheu o que dividir da experiência em Portugal. Os textos, em estilo de crônicas, constituem-se em narrativas de si, carregadas de idiossincrasias, nas quais compuseram suas memórias e representaram o tempo vivido fora do Brasil. Para além das singularidades de cada construção pessoal, observam-se traços de memórias coletivas, tendo em vista os atravessamentos geracionais e acadêmicos que, entre outros, identificam esses(as) estudantes.

Como leitora curiosa por conhecer cada texto, fui descobrindo, animadamente, o que tinham a contar. Instigaram-me os títulos – alguns bastante provocadores –, assim como me entusiasmaram as fotografias – outras formas de narrativa –, pois além de me mostrarem seus(suas) autores(as), deixaram-me ver a cena em que inscreveu a sua imagem. Por meio da leitura, conheci um pouco de cada um(a) desses(as) estudantes – sujeitos com diferentes formações universitárias, inseridos em diferentes campos de pesquisa, oriundos de lugares diversos –, os(as) quais se encontraram em sua passagem por terras lusitanas.

De modo geral, expuseram seus medos de deixar o Brasil em meio às curiosidades face ao “novo”. Relataram a necessidade do exercício do desapego para chegarem ao “essencial”, sem esquecerem os estranhamentos e a busca por superações que aconteceram quando chegaram ao seu destino. São pessoas que viajaram com os filhos, com os companheiros, e outras tantas que viveram essa experiência solitariamente em Lisboa, Évora, Aveiro e Coimbra. Entretanto, todas precisaram contar com a construção de redes de apoio entre colegas, professores e outros habitantes de Portugal com os quais criaram laços. Nesse processo de adaptação, identificaram diferenças entre lusos e brasileiros, bem como as semelhanças que nos aproximam. Assim, houve quem reconhecesse na convivência com os portugueses, memórias da ancestralidade lusa evidenciadas nas práticas familiares, na culinária e nos modos de falar.

Talvez o maior dos dilemas narrados seja a questão da organização do tempo para aliar o estudo com o desfrute de um país que tem muito a oferecer a seus visitantes. Difícil essa equação quando se sabe qual deve ser o objetivo final da estada em Portugal. Da mesma forma, os dilemas por estarem longe da família, do trabalho e/ou por terem uma tese a produzir são sensações que afetaram esses(as) estudantes a ponto de eles(as) comparecerem nesses escritos.

O enfrentamento de dificuldades, aliado ao exercício de alteridade, é ponto recorrente nas narrativas que li. Assim, a busca por uma moradia pouco onerosa, a divisão de custos e espaços com pessoas que não se conheciam, a importância de poder contar com o outro e ajudá-lo, a intenção de estar disposto(a) a explorar culturas diferentes da sua e com elas conviver são elementos que não deixaram de ser trazidos pelos(as) autores(as), os(as) quais, entendo, adensaram a formação de cada um.

Entre outros aspectos, alguns manifestaram certo encantamento pelas Universidades, pelas cidades, pelo poder ver de perto monumentos da história que aprenderam na escola, pelo sentir-se em um país mais seguro, mas também houve quem percebesse sinais não tão animadores, sobretudo no que diz respeito à situação de miserabilidade social entre os portugueses. Nessa perspectiva, como não se lembrar de seu próprio país quando se está longe?

Dessa maneira, é preciso destacar que alguns textos trouxeram para a cena discussões acerca das questões políticas do Brasil, que enfrenta um duro golpe, com seus matizes de teor parlamentar-jurídico-midiático. Fui especialmente afetada por essas abordagens, as quais denunciam, no exterior, outros tantos problemas que atingem a todos(as) os brasileiros(as).

Traduzir fragmentos dessa experiência em palavras talvez tenha sido mais difícil para uns, como também mais prazeroso para outros. Afinal, o que dizer, o que priorizar? É Escolano (2015, p. 49) quem nos diz que “[...] somos constitutiva e ontologicamente memórias”. Para Ricoeur (2007, p. 25), “[...] a memória é uma província da imaginação. E, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”.

Reconheço, portanto, a beleza destes textos autobiográficos, que se enraízam em “[...] pormenores cotidianos, articulados numa poética do detalhe

e do concreto.” (SARLO, 2007, p. 10). Em meio a escritos mais reflexivos e a outros mais objetivos, pude perceber como outra forte recorrência a percepção de que as aprendizagens desenvolvidas ultrapassam os conhecimentos acadêmicos e são marcadas pelos afetos constituídos, ou seja, pelos afetos por pessoas e por lugares.

Por fim, uma última questão: o tema das saudades, acompanhado da pergunta “por que mesmo eu fiz isso?”. Essa é uma indagação que, de diferentes modos, deve ter sido uma companheira desses(as) estudantes, talvez mais nos momentos de nostalgia, nas noites de frio, naqueles dias em que nada parecia “dar muito certo”; que talvez desaparecesse nos momentos de convivência com outros(as) colegas, nos passeios por lugares inexplorados, nas aprendizagens desenvolvidas, na construção de novas amizades.

Porto Alegre (RS), 31 de julho de 2018.

Doris Bittencourt Almeida

Referências

ESCOLANO, Augustin. Arqueología y rituales de la escuela. In: MOGARRO, Maria João (Org.). **Educação e patrimônio cultural**: Escolas, Objetos e Práticas. Lisboa: Edições Colibri, 2015.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LARROSA, Jorge. **Estudar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 12.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

O OCEANO NÃO SEPARA

(Evaldo Balbino)

Nestas terras e além delas,
os pés caminham, caminha
a voz humana mui vária.

São tantas almas, desejos,
e os corpos são naves
navegando mares.

Os corpos são aves
nadando o oceano
– esta imensa ponte.

As águas unem fados
de cristos humanados
e pés andando em ondas.

Aqui mesmo onde,
nas terras brasis,
se multiplicam cores.

Se multiplicam línguas
desdobrando os panos
e os mil paladares.

Aqui mesmo migro,
vagueio entre falas
se namorando várias.

Arapucabiboca
carioca caipora
curumimjururu.

Acarajé farofa
fubá bobó moqueca
quitute de se comer.

Açafate acéquia
achaque abajur
de lâmpada bege.

Ária arpejo sonata
trêmulo soneto
e esta minha serenata.

Efêmero íncola
na valsa no verso
de línguas irmãs.

Navego entre palavras
me cingindo amorosas
por não me serem só.

Sigo entre montanhas
e as livres planuras
de gentes e saberes.

Em cerrados e caatingas
ramificam-se olhares,
entrebeijam-se sabores.

Vivo este terreno
onde bocas emaranham
cultivos e culturas.

Do mesmo modo ouço
além, do outro lado
dessa líquida ponte,

As vozes portuguesas
se estendendo longe,
me osculando a fronte.

Banheiro casa de banho
café da manhã calcinha
bonde cuecas elétrico.

Acólito coroinha
celular telemóvel
aluguer de mágoas fado.

Ponto de liga trem
pano de prato/loiça
belo desenho de moça.

Time equipa tricô
comboio xícara chávena
onde juntos solvemos.

A última flor do Lácio,
a língua portuguesa,
a mesma língua vária.

O oceano não separa
em sua imensa seara
o que o tempo ajuntou.

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2018.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

MEMÓRIAS EM RETALHOS

| | |
|--|----|
| Um português para chamar de seu e a saga do NIF | 19 |
| Estudar em Portugal: uma imersão científica e histórico-cultural | 23 |
| Experiências: pelos caminhos do “doutorado sanduíche” | 25 |
| Pelos caminhos de Lisboa: quando o imprevisível se torna mágico e cheio de luz | 30 |
| Estações | 34 |
| Conhecer e se reconhecer | 38 |
| Lembrar para não esquecer: reminiscências de um processo em curso | 41 |
| Portugal dos meus encantos e desencantos: do sanduíche ao pós-doc | 48 |
| Sobre história, cultura e tradição: das praxes à queima de fitas | 54 |
| Por entre muralhas: nosso caminho em terras alentejanas | 63 |
| “Nada acontece por acaso” | 66 |
| Feliz estadia em Portugal | 71 |
| A execução da política de responsabilização juvenil em Portugal: relato de experiência | 75 |
| Mãe sem fronteiras | 80 |
| Um rastro de si na formação acadêmica: o doutorado sanduíche em Coimbra | 84 |

ESTRANHAMENTOS COM A LÍNGUA PORTUGUESA DE PORTUGAL

| | |
|------------|-----|
| Verbetes | 89 |
| Expressões | 104 |

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS



APRESENTAÇÃO

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Este livro surgiu de uma brincadeira virtual, nos primeiros meses de 2018. A ideia nasceu no grupo de WhatsApp denominado *DOUTORANDOS EM LISBOA*, que agrega doutorando/as, mas também pós-doutorandos/as. À época, a maioria dos/as participantes moravam e estudavam em universidades de Lisboa, mas também tinha pessoas que viviam em outras cidades, como: Évora, Aveiro e Coimbra.

O grupo ainda existe e é um importante espaço de acolhimento àqueles que optaram em dar continuidade a sua formação acadêmica em Portugal. Nele, são trocadas informações, são esclarecidas algumas dúvidas, mas também são dadas palavras de conforto em momentos em que a saudade do Brasil e dos familiares parece rasgar o coração de algumas pessoas. É um grupo muito solidário e aberto, apesar das discussões, às vezes acirradas. Algo compreensível em um grupo com tamanha diversidade, pois são pesquisadores/as que vêm de diferentes áreas, instituições e regiões do Brasil.

Bom, mas voltando à brincadeira que impulsionou a ideia do livro, ela teve início em um belo dia, no mês de janeiro de 2018, quando um membro tomou a iniciativa de compartilhar seus estranhamentos em relação a algumas palavras e expressões usadas pelo povo português. Eram palavras e expressões ouvidas no cotidiano do campo de pesquisa, restaurantes, bares, supermercados, em conversas informais e, também, em sala de aula.

Outras pessoas foram igualmente postando seus “estranhamentos” e, surpreendentemente, a lista foi crescendo de forma veloz, como se fosse uma

catarse coletiva que durou dias e dias. Encantados/as com a experiência em curso, um dos membros sugeriu que publicássemos um livro, com o intuito de eternizar nossas surpresas com o português de Portugal.

Diante desse desafio, algumas pessoas que ainda estavam morando em Lisboa, exceto uma que morava em Évora, resolveram marcar uma reunião para conversar sobre a ideia, “autorizados” pelo grupo do *WhatsApp*. Naquele momento, nascia a comissão organizadora do livro *Pelos Caminhos de Portugal*.

Depois de algumas tentativas, a comissão, da qual fazemos parte, conseguiu achar uma data viável. Nossa primeira e única reunião oficial e presencial aconteceu no dia 09/02/2018, nas dependências do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), da Universidade de Lisboa. Neste encontro, chegamos à conclusão de que um “dicionário” dessa ordem não se configuraria em uma novidade para nossos/as possíveis leitores/as. Resolvemos, então, que além dos nossos “estranhamentos” em relação à língua portuguesa falada em Portugal, poderíamos aproveitar a oportunidade para escrever sobre nossas experiências vivenciadas em nossas estadas para a realização de nossos estudos de doutorado e pós-doutorado em Portugal.

Lançamos essa ideia no grande grupo e rapidamente as pessoas iam aderindo e postando suas mensagens. Elas foram contactadas por *e-mail* e receberam, por parte da comissão organizadora, as orientações para a escrita de um pequeno texto sobre suas experiências nas *terras além mar*. Estabelecemos um prazo e, depois de 2 meses, começamos a receber os primeiros escritos. As principais orientações sobre o conteúdo frisavam a necessidade de ser uma escrita respeitosa com as culturas portuguesa e brasileira, evitando a reprodução de preconceitos ou desqualificações; apresentar parte da experiência (acadêmica e pessoal), apontando o que mais havia significado para cada um e, por último, contemplar experiências concluídas ou em andamento, uma vez que um número considerável de estudantes já havia voltado para o Brasil, enquanto outros permaneceriam por mais tempo.

Tendo contado um pouco deste percurso, apresentamos a vocês este livro que significa muito para nós. Ele traz o registro de nossas memórias, que queremos contar para guardar, de nossos (des)encantamentos com o país que nos colonizou e nos explorou, mas que nos deixou uma língua linda que reinventamos todos os dias. Traz também um pouco das dificuldades de

quem chega em outro continente, em outro país, mas também de quem se sente em casa.

Este livro está organizado em três partes. A primeira, intitulada *Pelo mar da poesia*, traz um poema escrito pelo mineiro Evaldo Balbino, membro da Academia Mineira de Letras de São João Del'Rei, ocupando a cadeira de número 1. Por meio do poema que foi feito especialmente para esta obra, Evaldo traz, com muita perspicácia e sensatez, ideias daquilo que "o oceano não separa", remetendo-nos ao que vivemos nas terras portuguesas e que deixou saudades.

Os relatos, quinze ao todo, são apresentados na segunda parte do livro, que intitulamos *Memórias em retalhos*. Na terceira, por fim, está o conjunto de verbetes e expressões usadas pelo português de Portugal com os seus significados correspondentes ao português do Brasil, denominada *Estranhamentos com a língua portuguesa de Portugal*.

Por ser um trabalho coletivo, queremos agradecer a cada autor/a que acreditou nesta singela, mas ousada ideia. Obrigado a todos e todas por terem se desafiado a registrarem neste livro as "escritas de si", por oferecer aos leitores e leitoras algumas maçãs das suas cestas pessoais. Agradecemos, também, à lisboeta Rosa Margarida Domingues Dias, que nos auxiliou na revisão dos verbetes, ao Evaldo Balbino, que nos presenteou com tão expressivo poema, à Mônica Baêta Neves Pereira Diniz, pela revisão deste livro, e às professoras Doris Bittencourt Almeida e Dylia Lysardo-Dias, pela escrita do prefácio e do texto da quarta capa, respectivamente.

Bruna Potechí

Camila Elizandra Rossi

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa

Carolina Faria Alvarenga

Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira

Ericka Martins de Matos

Evaldo Balbino

Giani Rabelo

Gláucia Trinchão

Karina de Fátima Gomes
Leonardo José Freire Cabó
Liliane de Oliveira Neves
Margaret Seghetto Nardelli
Maria Nilvane Zanella
Tauani Zampieri Cardoso
Willian Diego de Almeida

Esperamos que este livro, “Pelos Caminhos de Portugal”, venha, de alguma forma, contribuir e encorajar àqueles e àquelas que pensam em um dia ingressar ou dar continuidade aos estudos acadêmicos em terras portuguesas, neste nosso *imenso Portugal!*

Comissão Organizadora

Referência

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.



MEMÓRIAS EM RETALHOS



UM PORTUGUÊS PARA CHAMAR DE SEU E A SAGA DO NIF

Bruna Potech

Cheguei a Portugal e achei que ao aterrissar em Lisboa as confusões burocráticas estariam terminadas. Eu, assim como muitos outros doutorandos, estava tendo imensos atrasos para obtenção do visto, o que atrasara minha viagem em duas semanas. Logo que chegasse, eu precisaria, como norma da agência de pesquisa que me financiava, enviar os dados de minha conta bancária em Portugal para receber o pagamento das mensalidades da bolsa. Eu tinha uma semana para abrir uma conta em banco português ou então receberia meu primeiro pagamento apenas dois meses após minha chegada. Fui aos bancos mais próximos do local onde me instalei para saber quais eram os documentos necessários para a abertura de conta-corrente e todos me disseram a mesma coisa: “NIF” e “comprovante de morada”. Logo intuí ser o endereço ou a residência. Também eram exigidos outros documentos, como passaporte e endereço no Brasil, mas foram essas três letrinhas que ocuparam minhas duas primeiras semanas em Portugal, NIF.

O NIF (Número de Identificação Fiscal ou Número de Contribuinte) corresponde ao CPF no Brasil, ao Cadastro de Pessoa Física. Você faz um desses em repartições governamentais chamadas “Finanças” ou “Lojas do Cidadão”, sendo que ambas estão espalhadas por toda a Lisboa. Na primeira ida ao órgão “Finanças” mais próximo, ouvi que precisaria de passaporte, de

comprovante de endereço no Brasil e de um cidadão português. Aquilo me soou estranhíssimo, então perguntei “o que seria esse cidadão”, recebendo o esclarecimento de que seria um cidadão português ou cidadão que tivesse “cartão cidadão” há mais de cinco anos. Aquilo continuou esquisito e digamos que eu achei que poderia ser algum problema com o sotaque de Portugal. Vendo minha reação, a atendente esclareceu que era isso mesmo. Eu, como brasileira, precisava de um residente para se responsabilizar por mim e só assim eu conseguiria o NIF¹. Nada que eu tenha usado como argumento adiantou, então fui embora pensando em como arrumaria “um português para chamar de meu”.

Pode parecer que exigir um cidadão local não seja assim tão absurdo, mas quando você está chegando a uma nova cidade, a um novo país, sozinha, suas relações pessoais ainda não são tão sólidas ou próximas. Podem até ser completamente inexistentes. Na verdade, até aquele momento eu apenas conhecia meu “senhorio”, o dono do imóvel que eu alugara, a quem, devido à dificuldade em achar “morada” em Lisboa, eu não queria pedir demais. Meu outro contato em Portugal era a minha supervisora, que eu ainda não conhecia pessoalmente e com quem almejava estreitar relações profissionais mais do que iniciar pedindo favores. Exigir de um estrangeiro, recém-chegado a um país, que possua relações pessoais com outros sujeitos para que um deles ao menos lhe acompanhe a um departamento burocrático por algumas horas para que se responsabilize por você me soava pessoal demais.

O NIF foi, definitivamente, o meu primeiro baque em Portugal. Meu imaginário de um período no exterior remetia a uma independência – de minha família, de meus amigos, dos costumes e hábitos brasileiros. Embora já me sentisse independente, eu pensava, naquele momento, mais em mim enquanto indivíduo. Eu saí do meu círculo social e dos meus velhos hábitos e me realoquei temporariamente em um lugar onde eu precisaria construir tudo de novo e de outra forma. Entretanto, em Portugal, para receber seu próprio dinheiro por meio de uma conta-corrente em seu nome, você, como residente (ainda que temporário) não europeu, necessita estar vinculado a alguém. De certa forma, você não é reconhecido completamente pelo Estado

1 Mais tarde fui informada de que o representante no NIF tinha a responsabilidade de entrar em contato comigo, intermediando a comunicação entre o “Finanças” e o cidadão estrangeiro.

português sem essas relações pessoais. No Brasil, elas soariam com o “você sabe com quem está falando?”, clássico em minha área de pesquisa. No caso, o autor DaMatta (1979) remete a uma hierarquia que operaria na sociedade brasileira em contraste com uma tendência mundial de individualização dos sujeitos. Ou seja, enquanto esse processo de individualização dos sujeitos os tornaria cada vez mais autônomos e fechados de relações sociais, como, por exemplo, o Estado reconhecendo todos os sujeitos como indivíduos iguais, no Brasil, esse processo de reconhecimento de pessoas se daria por um processo relacional, que por sua vez seria hierárquico. Isso, na lógica do autor, explicaria porque a lei no país funciona de forma diferente para cada pessoa (vide acusações de tráfico de drogas para pessoas bem relacionadas e de alta classe social e para moradores das periferias de grandes cidades do país). Em Portugal, em se tratando do NIF, eu também precisaria criar relações sociais para, de fato, ser reconhecida pelo Estado português como um sujeito. E mais do que criar relações sociais, elas deveriam ser estabelecidas com portugueses ou residentes que possuísem cartão cidadão há mais de cinco anos. Isso não dependia do tipo de visto que eu já possuía – por tempo determinado – nem dos comprovantes de retorno ao país onde eu continuaria meu doutorado.

Ter um NIF era ter um português para chamar de meu para, só assim, conseguir abrir conta em um banco a fim de receber as mensalidades da minha bolsa, as quais me manteriam naquele país. Sem o NIF, eu não seria reconhecida pelo Estado, pelos bancos nem pela própria universidade que me receberia, a qual também me exigiu o tal NIF para completar meu cadastro. Enfim, após muitas idas ao “Finanças”, consegui uma quase portuguesa para chamar de minha, Marisa, colega de graduação no Brasil, que possuía cidadania portuguesa e morava em Lisboa há sete anos. Ela me acompanhou ao “Finanças”, entregamos os documentos enquanto conversávamos sobre como estávamos e por onde a vida tinha nos levado. Marisa, naquele dia, estava acompanhada por Amanda, sua bebê de quatro meses. Sem nenhuma pergunta, a atendente registrou os documentos e me entregou o número do NIF. Achei que minha portuguesa e nossa relação pessoal foram satisfatórias, então, naquele momento, pude começar a me sentir “mais gente” em Portugal.

Referência

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESTUDAR EM PORTUGAL: UMA IMERSÃO CIENTÍFICA E HISTÓRICO-CULTURAL

Camila Elizandra Rossi

Quando levei meu filho para Lisboa, não imaginava o quanto de história das navegações e do descobrimento das Américas ele aprenderia. Na verdade, só pude constatar isso ao retornarmos ao Brasil. Ficamos quatro meses e meio em Lisboa, por isso o ano letivo dele não foi finalizado nem no Brasil, nem em Portugal. Dessa forma, optamos por estudar os conteúdos do ano letivo que ficaram incompletos no Brasil para ele poder fazer as provas e concluí-lo. Como a tarefa era árdua (estudar conteúdos de três meses e meio não finalizados no Brasil), ajudei-o com os conteúdos do 7º ano escolar do Ensino Fundamental.

É fato que estar em Lisboa, para mim, foi essencial para o meu projeto de tese, mas o aprendizado cultural e histórico também teve inestimável valor. Voltar para casa e ver no livro didático do 7º ano fotos de locais onde tínhamos estado, meu filho e eu, foi não somente surpreendente, mas a concretização da impressão de que tínhamos aprendido história *in loco*, ao vivo e em cores reais.

Imagine você ver no livro didático de seu filho a foto da Igreja de Santa Maria de Belém e o texto dizendo que o túmulo de Fernando Pessoa estava lá, quando, na verdade, nós vimos o túmulo do escritor dentro do Mosteiro

dos Jerônimos. Claro que o mosteiro e a igreja são anexos da mesma estrutura predial incrível, de arquitetura manuelina, mas contra fatos não há argumentos: o túmulo está no corredor do mosteiro e não na entrada da igreja, onde, de fato, estão os túmulos de outros ilustres portugueses, como Luís de Camões e Vasco da Gama.

Imagine você lendo com seu filho o conteúdo didático do Brasil sobre o local de onde saíram as embarcações portuguesas para fazer comércio com as Índias e então você passeia na Ribeira das Naus, em frente à Praça do Comércio. Lá onde as especiarias chegavam para ser comercializadas.

Imagine você estudando sobre o Marquês de Pombal depois de ter ido visitar o Museu da Cidade, alocado no Palácio Pimenta. As fotos do Marquês no seu livro didático não suprem jamais a experiência de ter conversado com o cuidador do museu, o qual contou pormenores das relações pessoais de Pombal na época em que ele planejou a reconstrução de Lisboa.

Desculpem-me os historiadores, sou da área da Saúde e fiz doutorado sanduíche em Geografia da Saúde, então entendo pouco de História. É possível que eu esteja errando ao contar o que aprendi em Lisboa sobre a história das colonizações. Apesar disso, o pouco que acho que aprendi foi de grande valia. Talvez meu filho ainda não perceba o quanto aprendeu, mas eu jamais me esquecerei dessa experiência, que só uma oportunidade incrível como essa pode proporcionar.

Obrigada ao governo brasileiro e aos idealizadores do doutorado sanduíche. Vocês nos ajudaram a ser mais cidadãos brasileiros do que já éramos. Vocês ajudaram a me incentivar ainda mais a desempenhar minhas atividades acadêmicas. Quem sabe, um dia, eu ajudarei outros estudantes a terem a mesma grande oportunidade que tive.

“Um viva à imersão científico-cultural que o doutorado sanduíche proporciona aos pós-graduandos brasileiros! VIVA!”

EXPERIÊNCIAS: PELOS CAMINHOS DO “DOUTORADO SANDUÍCHE”

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa

A princípio, eu não queria fazer parte do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Os receios eram muitos: ficar ainda mais longe da família, da Turma da Sopa de Niterói (TSN) e dos seus atendidos; parar de gerar dados para a tese e sair da minha zona de conforto, ainda que nem sempre tenha sido tão confortável. Mas minha querida orientadora, Professora Dra. Maria do Carmo L. de Oliveira, insistiu para eu pensar com carinho na oportunidade que poderia ser única e que realmente foi. Então fui pesquisar um possível orientador em Portugal. Eis que descobri o professor Dr. Michel Binet e o Grupo de Etnometodologia e Análise Conversacional da Clusividade Social (GEACC), com uma agenda de pesquisa totalmente alinhada à minha tese e aos meus interesses. Logo, não tinha como não ir. Pareceu-me a oportunidade perfeita. Então Lucivânio, meu esposo, também pensou na possibilidade de fazer o PDSE. Resolvemos ir, os dois, um para Portugal e o outro para a Espanha, distância que seria mais um desafio. Mas decidimos enfrentar todos os desafios, pois sabíamos que era uma grande oportunidade acadêmica. O PDSE superou as minhas expectativas. Vou tentar resumir um pouco do que vivi lá, neste texto.

Como o custo de vida em Lisboa é alto e os aluguéis (arrendamentos) têm valores estratosféricos, resolvi dividir a morada com alguém. Através do

grupo de *WhatsApp* “Doutorandos em Lisboa”, falei com algumas pessoas e acabei acertando de dividir com a Liliane Neves (Lili), de Minas Gerais. Não nos conhecíamos pessoalmente, foi um jogo de confiança mesmo e de tentar a sorte para ambas as partes. Entretanto, posso dizer que tiramos a sorte grande: difícil encontrar alguém com tantas afinidades e dar tão certo, como foi o caso da nossa relação. Foram meses de muito companheirismo em que compartilhamos alegrias, descobertas e passeios, bem como agônias da vida acadêmica e dos prazos. Lili foi a irmã que eu não tive e ainda aumentamos nosso ciclo de amizade, pois passamos a ter amigas em comum. Assim, surgiu uma bela amizade, que levaremos conosco sempre! Eu brincava de que seu único “defeito” era não andar de bicicleta comigo. Mas conheci uma portuguesa, Rosa, que também se tornou uma grande amiga e parceira de pedaladas.

Portugal é tão encantador quanto dizem, e tanto Lisboa como as cidades que tive a oportunidade de visitar (Óbidos, Aveiro, Cascais, Sintra, Santa-rém, Évora, Fátima, Coimbra e Porto) são lindas. Cada uma delas me marcou com lembranças maravilhosas. Em algumas delas, tive a oportunidade de levar minha bicicleta ou mesmo ir pedalando, como em Cascais.

Há de se dizer que a bicicleta foi o meu principal e melhor meio de transporte durante todo o PDSE. Embora Lisboa seja considerada a cidade das sete colinas e realmente tenha muitas ladeiras, elas ficam apenas em uma parte da cidade. Eu consegui sobreviver a elas. Antes de ir a Lisboa, eu não sabia dessa fama, então não foi algo em que eu pensei na hora de escolher onde morar. Sem pensar nisso, acabei alugando um apartamento com Lili em um dos bairros mais altos da cidade: Campo de Ourique. No início, eu quase desisti ao subir a ladeira da Maria Pia e da Avenida Infante Santo. Estudei todos os caminhos possíveis, mas para voltar para casa sempre era preciso subir/superar grandes ladeiras. Graças ao apoio do grupo “*Minas da Pista*”, formado por ciclistas mulheres no Rio de Janeiro, do qual faço parte, não desisti. Várias mulheres, em especial a amiga Naomi, me encorajaram e me inspiraram, contando suas experiências, e me estimularam a não desistir, pois o meu desempenho melhoraria. E assim aconteceu. A cada dia as ladeiras de retorno para casa foram ficando menos piores, até que ficaram suportáveis e eu pude usufruir de todos os benefícios de ir de bicicleta para quase toda parte. Era perto de 1,5 a 2 km de ladeiras. Além disso, graças à bicicleta, fiz

ótimas amizades, conheci mulheres maravilhosas (brasileiras e portuguesas) com as quais tive a alegria de pedalar por lugares lindos. As principais foram: Kaiza, Ericka, Rosa, Anne, Ana Barroca e Ana. Mas e a vida acadêmica? Seguem os seus principais marcos.

Em agosto de 2017, fui recebida pelo professor Dr. Michel Binet e sua encantadora namorada (Ilda). Nesse mesmo mês, realizamos uma reunião com os membros do GEACC, na qual nos apresentamos e compartilhamos expectativas e planos. A recepção foi muito calorosa. Nela, ao ouvir sobre a agenda de investigação de cada membro do Grupo, pude confirmar que estava no local certo para receber contribuições para a minha tese e formação acadêmica como um todo.

Foram realizadas reuniões semanais ou bissemanais com o professor Dr. Michel Binet, nas quais tive várias sessões de análise conjunta dos dados de minha pesquisa. Nessas sessões, houve um intenso trabalho de aperfeiçoamento das minhas competências de transcrição da fala-em-interação e de análise da conversa etnometodológica em Intervenção Social, em que foram apresentados conceitos do Serviço Social, que muito contribuíram para a minha formação.

É válido destacar que o GEACC possui membros muito generosos (Michel Binet, Isabel de Sousa, Victor Braga, David Monteiro, Cristina Coelho e Tânia Pinto), dispostos a co-construírem conhecimentos e compartilhar materiais e informações que sejam de interesse coletivo. Inclusive, houve duas sessões de análise conjunta com os membros do GEACC, nas quais, por meio da professora Dra. Isabel de Sousa, tive contato com a “Comunidade Vida e Paz”, que é uma ONG semelhante à Turma da Sopa de Niterói, mas com uma estrutura muito maior e mais consolidada, pois teve seu início da abordagem de rua em 1988 e continua a crescer no trabalho social com as pessoas em situação de rua (em condição de sem-abrigo). Por meio desse contato, tornei-me voluntária desde setembro de 2017 até fevereiro de 2018 e acompanhei/participei do trabalho de várias equipes nas ruas. Foi possível também acompanhar a equipe técnica, que é responsável pela abordagem social. Em janeiro, após a solicitação formal, a ONG me autorizou a gerar dados de pesquisa, o que enriqueceu ainda mais as minhas experiências em Portugal.

Também tive a oportunidade de ministrar, junto com o prof. Dr. Michel Binet, aulas em cursos de Mestrado, Doutorado e Licenciatura em Serviço Social, respectivamente, no Instituto Superior de Serviço Social da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCSUC), na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre (ESECS-IPP) e no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).

Os aprendizados e descobertas, entretanto, ultrapassaram o mundo acadêmico. Eu conheci uma parte, não esperada, da miséria e da desigualdade social, que é bem semelhante ao que há no Brasil: muitas pessoas vivendo na rua, outras em situação de grande vulnerabilidade social. Mas também conheci várias organizações sociais que estão preocupadas com essas pessoas e querem, na medida do possível, fazer a diferença e amenizar seus sofrimentos sociais. Além da “Comunidade Vida e Paz”, também conheci de perto o grupo *Serve the City*. Ele me chamou a atenção não só pelo cuidado e respeito às pessoas atendidas, mas, principalmente, por tratá-las como iguais na prática; por proporcionar aos voluntários e às pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade social um convívio entre iguais. Todos possuíam um adesivo com o seu nome. Tratou-se de um jantar mensal no qual os(as) voluntários(as) e os(as) atendidos(as) convidados(as) jantaram juntos(as), sentados(as) à mesa, e puderam conversar livremente, conhecerem-se e darem atenção um(a) ao(a) outro(a). Esse tipo de evento foi muito gratificante para mim, pois duas das pessoas que se sentaram à mesma mesa que eu falei muito sobre a vida, sobre o mundo e sobre suas revoltas, que demonstraram ser as mesmas que as minhas, com a diferença de que elas sentiram na pele o que estávamos falando e por isso falaram com mais propriedade sobre o assunto. Uma delas, que vive em situação de rua há anos, brincou dizendo que a aula iria acabar quando nos despedíssemos, porque, afinal, ela estava dando uma aula sobre a vida, sobre Portugal, o que, de fato, estava acontecendo mesmo. Também rimos, falamos das belezas de Portugal e do Brasil, bem como das mazelas e desigualdades sociais em ambos os países. Fomos tratados(as) de forma igual, como deveria ser em todos os lugares: recebemos tratamento com respeito e dignidade ao ser humano.

Encerro o compartilhamento de algumas de minhas experiências, deixando os meus agradecimentos à CAPES, aos professores Dr. Michel Binet

e Dra. Maria do Carmo L. de Oliveira, ao GEACC, à “Comunidade Vida e Paz” e aos(às) amigos(as) voluntários(as) dessa instituição, representados(as) pelas queridas Natacha, Helena, Carolina e Isabel, bem como seus(suas) assistidos(as), que me acolheram, após: e aos(às) amigos(as) voluntários(as) dessa instituição; à rede *Serve the City*, aos(às) amigos(as) queridos(as) que cruzaram o meu caminho, às visitas ilustres que diminuíram as saudades da família e de casa e, por fim, à TSN. Cada um(a), a seu modo, contribuiu para que minha participação no PDSE fosse bem-sucedida.

PELOS CAMINHOS DE LISBOA: QUANDO O IMPREVISÍVEL SE TORNA MÁGICO E CHEIO DE LUZ

Carolina Faria Alvarenga

Os planos eram fazer doutorado (com direito a estágio no exterior), ter filhos(as) e seguir na carreira acadêmica, conquistada há pouco mais de um ano. Porém, nem tudo estava sob nosso controle, por isso os planos se inverteram. Ano de 2010. Recém-contratada como professora mestre do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, sul de Minas Gerais, constatei que só poderia sair de licença para cursar o doutorado um ano após finalizar o estágio probatório, o que significava, pelo menos, mais uns três anos de espera. Em 2011, nasceu o meu filho e, em 2013, a minha filha. Em 2016, ingressei no doutorado, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Na época, sete anos de experiência como professora universitária e quase cinco como mãe me transformaram, como também transformaram muitos sonhos que construí ao longo da vida.

O sonho de fazer um estágio no exterior, no entanto, manteve-se, mas como o meu marido e os meus filhos(as) iriam junto comigo, precisei desistir de ir para a França e optei por um país onde a adaptação pudesse ser mais fácil, especialmente por causa da língua. Tínhamos acabado de adquirir a

cidadania portuguesa (meu marido é neto de portugueses), o que nos motivou a escolher Portugal, país que nos acolheu tão bem!

Após um ano e meio morando em São Paulo, mais uma mudança, dessa vez para o outro lado do oceano. Fomos sem bolsa de estudo, mas tínhamos os nossos salários: eu com licença remunerada por quatro anos e meu marido por dois anos, pois tinha ingressado no mestrado na mesma universidade e no mesmo ano que eu. Participei de um edital de uma agência de fomento, mas meu pedido foi negado com a justificativa de que minha orientadora não pertencia a “uma universidade portuguesa renomada”, apesar de todos os outros requisitos terem sido considerados excelentes.

Não havia outra alternativa. Minha pesquisa era sobre políticas públicas, gênero e educação de infância, mas a professora referência dessa área, em Portugal, estava vinculada à Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Santarém e não a uma universidade. Aliás, essa é uma crítica que a própria professora faz à organização do sistema de ensino superior português. As ESEs são responsáveis pela formação inicial das educadoras de infância e professoras do primeiro ciclo, mas não possuem programas de mestrado e doutorado *stricto sensu*, o que compromete a investigação na área.

Como o meu objetivo de pesquisa era conhecer as políticas públicas de gênero e a educação da infância em Portugal, especialmente a partir de um material organizado por minha orientadora, Maria João Cardona (o Guião de Educação – Gênero e Cidadania – pré-escolar), optamos por morar em Lisboa. Não era necessário morar em Santarém, pois a relação seria diretamente com a professora. Participei de alguns eventos na ESE, inclusive conversando com estudantes sobre a educação infantil brasileira e o documento estudado por mim (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana), um instrumento de autoavaliação institucional participativa, que inclui gênero como uma das dimensões de qualidade.

Em Portugal, realizei entrevistas com algumas autoras e profissionais da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero (CIG) que participaram da construção do Guião. Fiz algumas visitas ao prédio da CIG, que mantém um Centro de Informação e Documentação, com acervo digital e impresso especializado na área dos estudos sobre as mulheres e de gênero.

A CIG é vinculada à Presidência da República e é responsável pelas políticas de igualdade no país. A educação foi, desde o início, considerada uma

área estratégica, por isso inúmeros projetos foram desenvolvidos ao longo de seus 40 anos de existência. O foco sempre esteve na construção de materiais e na formação docente – inicial e contínua.

Foi possível perceber a importância dessa Comissão na construção de políticas que visam à igualdade de gênero no país, desde o “25 de Abril” (de 1974), marco sempre destacado pelos(as) portugueses(as), do qual falam com muito orgulho. No entanto, apesar dos avanços conquistados nessa temática, ainda há muito o que se fazer, especialmente em articulação com o Ministério da Educação. A primeira iniciativa conjunta nasceu apenas em 2017, com o lançamento da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, um projeto piloto que insere uma disciplina obrigatória nas escolas, sendo gênero um de seus temas centrais.

A pesquisa não teve como objetivo um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. Apesar de o contexto político atual estar em caminhos opostos – Portugal, com um governo de esquerda, apostando em políticas progressistas, e o Brasil em meio a um golpe parlamentar, sofrendo com ataques conservadores às questões de gênero, sexualidade, raça, entre outras –, conhecer as políticas públicas de gênero para a educação da infância em Portugal mostrou-se uma oportunidade de ampliar o entendimento sobre o complexo jogo de poder quando se pensa na disputa por um lugar na política, em qualquer que seja o contexto.

Essa experiência de morar em um país muito diferente do Brasil, a começar pelo tamanho, despertou em mim muitas reflexões. Primeiro, por estar com as crianças em um país envelhecido, eu fiquei impressionada com a forma como os senhores e as senhoras tratavam o meu filho e a minha filha. Olhavam-nos sempre com muita alegria, davam-nos prioridade nas “filas invisíveis” dos pontos de ônibus. Por toda a cidade, havia parques infantis, na maioria das vezes vazios, especialmente onde morávamos, em São Domingos de Benfica, um bairro residencial que fica fora da zona turística.

Apesar da fama de serem sérios(as), diretos(as) e, muitas vezes, grosseiros(as), os(as) portugueses(as) me ensinaram muito: são, de fato, diretos(as), mas são justos(as). Passado o primeiro susto, conversam e contam casos. Tivemos muita sorte em alugar um apartamento – por sinal, de frente para a floresta de Monsanto, a qual nos alegrava todos os dias com uma vista maravilhosa e com o mais lindo pôr do sol –, cujo “senhorio”, que era muito

simpático, teve apreço e confiou em nós. Era um senhor de 86 anos, casado com uma senhora de aproximadamente 80 anos, ambos cheios de vitalidade, apesar das marcas da idade.

Por outro lado, foi difícil fazer amizades. Apesar de gostarem de uma boa conversa, convites para aquele café da tarde em casa foram poucos. No meu caso, apenas de um casal de brasileiros e de uma luso-alemã, que era mais uma cidadã do mundo!

Lisboa é, verdadeiramente, uma cidade de luz. Nossos finais de semana foram sempre marcados por passeios pela cidade. Aproveitamos os domingos, quando a entrada nos museus e nos monumentos era gratuita, para conhecer mais e melhor essa cidade de sete colinas. Andar apenas de transporte público, diferentemente do que estamos acostumados(as) no Brasil, fez com que tivéssemos outra relação com a cidade. É sempre mais cansativo com duas crianças pequenas, mas uma experiência em que pudemos aproveitar cada canto da cidade.

A sensação de segurança ao andarmos pelas cidades, não apenas em Lisboa, mas em todo o país, despertou em mim sentimentos opostos. Felicidade por vivenciar essa cultura da qual não é preciso ter medo e, ao mesmo tempo, tristeza por vivermos em um país tão violento como o Brasil, ainda tão desigual.

Foram seis meses e alguns dias de muitos aprendizados, descobertas e encontros. A experiência teria sido diferente se não tivéssemos filhos, mas foi delicioso perceber que Lisboa é uma cidade que acolhe as crianças. Também foi muito gratificante ouvir de uma professora do jardim de infância que as crianças frequentaram, que nós levamos o sol e o calor brasileiro para aqueles corações!

Profissionalmente, continuo a parceria com minha orientadora, com quem aprendi muito durante aquele período. Projetos estão em nossos planos após o término do doutorado, na certeza de que é necessária e urgente a aposta em uma educação para a cidadania, a qual valorize as questões de gênero, começando pelos miúdos e pelas miúdas, como dizem carinhosamente por lá!

ESTAÇÕES

Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira

Era fim de tarde quando o comboio¹ chegou à capital de Alentejo². A plataforma foi invadida em segundos por uma multidão, toda gente encapotada para proteger-se de um vento gelado. Era outono, já com ares de inverno prematuro ainda em meados de setembro.

Um cachorro fez-se meu anfitrião. Estava ali, ao pé do³ último degrau, na saída da carruagem. Não podia imaginar, naquele momento, as inúmeras vezes que essa mesma cena se repetiria, pois as frequentes idas e vindas da capital tornaram-se rotina. O mesmo trem, a mesma plataforma, o dito cão em diversas ocasiões... O clima, esse, talvez, fosse diferente.

Segui os passos apressados dos cidadãos sem saber ainda ao certo em qual lado ficava o centro da cidade. Sem demora, cheguei ao Rossio⁴, de onde já pude ver as muralhas, o jardim público com seu castelo e as torres da catedral ao longe. Entrei na cidade como quem seguia um cortejo solene.

- 1 Em Portugal, chama-se o trem de comboio e carruagem a cada um dos seus vagões.
- 2 Região de Portugal conhecida pela produção de cortiça. Tornou-se renomada por sua culinária, por seus vinhos e queijos e pelas tradições típicas dos lavradores. Seu nome vem do fato de ficar na margem sul do rio Tejo, que desce desde a Espanha até Lisboa, onde encontra o mar, portanto, para além do Tejo ou Além-Tejo (como ainda se vê escrito em alguns textos).
- 3 “Ao pé de” é uma expressão típica de Portugal, ainda que seja usada em certas regiões do Brasil. Quer dizer *junto de*, *ao lado de*, *próximo a*.
- 4 *Rossio*, atualmente, é o nome de um bairro de Lisboa, assim como de várias cidades e aldeias de Portugal. Isso porque a palavra *rossio* designava o terreno comum, descampado, fora dos muros de fortificação, onde pessoas pobres moravam e cultivavam seus alimentos. No Brasil, usa-se o termo *roça* ou *roçado*.

Perguntei a um rapaz onde ficava a praça do Giraldo, ao que me respondeu: "*Giraldo's Square? Go just straight!*"⁵. Era mais um turista dentre os incontáveis que passam pelo local durante o ano todo.

Évora é o tempo materializado em camadas sobrepostas de história. Há, atualmente, um estranho contraste entre os casarões dos séculos passados e as boutiques de roupas, cosméticos e *souvenirs* industrializados. Surgiu em meu pensamento, então, a inquietação sobre qual impressão deixaremos de nosso tempo para a humanidade futura, já que hoje tudo parece ser descartável.

Percebi que até ali eu tinha cruzado as portas de três igrejas. São por volta de dezesseis delas no espaço dentro das muralhas. Uma herança arquitetônica e artística, sem dúvida. Entretanto, era uma presença carregada de memórias que se preferia, a qual fica arquivada nas velhas prateleiras da Biblioteca Municipal. Também ouvi os badalos marcarem o ritmo dessa cidade tão peculiar, pela devoção a Nossa Senhora do Ó – talvez um culto difundido pelos Jesuítas, fundadores do seminário local e da Universidade do Espírito Santo.

Cheguei ao templo de Diana, o qual dizem que, na realidade, foi construído em tributo ao Imperador Constantino. A verdade é que as ruas estreitas e sinuosas remetem aos latinos. Procurei dentre elas aquela onde ficaria alojado: a Rua do Cano, assim chamada por ainda preservar os arcos do antigo aqueduto romano.

Curioso são os nomes dados aos caminhos. Em geral, remetem ao tempo da monarquia católica, com sua corte e provençais. Os bairros da Mouraria e da Judiaria, regiões onde moravam árabes e judeus, deram lugar a freguesias com nomes de santos.

Nesses lugares, estudaram príncipes como D. Manuel. As cátedras nas salas de aula e os azulejos das paredes são do seu tempo. O cenário remete à época na qual professores de Filosofia da universidade daquele local rivalizavam com estudiosos das universidades de Coimbra, de Paris e de Roma, no que se refere aos estudos aristotélicos. Já não se ouve mais falar no renomado Molina, pois há outros nomes à sua altura, hoje atuantes nas mais diversas áreas do saber científico.

5 "*Praça do Giraldo? Só seguir em frente!*" [tradução livre do autor].

Escolhi ir para o doutorado em Évora por recomendações de professores e professoras do Brasil e da França. Tudo o que me foi dito quanto à boa reputação da Universidade era pertinente. Dos laboratórios de investigação com excelência reconhecida internacionalmente, ao bom acervo bibliotecário e ao acesso a grupos de pesquisa em colaboração internacional, tudo com muita seriedade e valor.

Tive essa certeza logo no dia da aula inaugural, no primeiro ano de doutorado. O encontro foi prestigiado por professores da Universidade Federal do Paraná, convidados especialmente para a ocasião, no sentido de estreitar laços já existentes. Em outra oportunidade, tivemos a visita de professores de Salamanca, sem falar na presença quase rotineira de colegas de outras universidades portuguesas.

Imagino que, em um dado momento, eram mais de duzentos alunos em mobilidade internacional ou integrantes do programa Erasmus. Dividi moradia com jovens, em formação ou em estágio profissional, de origem francesa, espanhola, libanesa, grega, italiana e filipina. Conheci pessoas da República Tcheca, do Irã, da Alemanha e da Bélgica, por fazermos parte de um grupo de estudos. Fiquei com a certeza de que é a ocasião que aproxima as pessoas.

Precisei atravessar o oceano para ouvir e conhecer mais a realidade do meu próprio país. De todo o Brasil, chegamos a ser setenta pessoas por trimestre. Amizades para levar comigo por toda a vida.

Há, na universidade, um calendário quinzenal de atividades científicas e culturais promovidas pelos departamentos, associação de alunos, pastoral e entidades da sociedade civil, que participam e usufruem do conhecimento produzido no meio acadêmico. A Universidade está imersa e integrada à rotina da cidade, de modo a colaborar inteiramente para o seu desenvolvimento.

Tive a impressão de que em Portugal as universidades vitalizam as cidades. Dia e noite eu ouvia jovens incansáveis a circular. Estudantes de fato. Eram como o coração que bate surdo e incessantemente ao som das tunas⁶,

6 Tunas são bandas musicais formadas por estudantes universitários. Podem ser masculinas ou femininas. Alguns desses grupos possuem tantas pessoas, incluindo antigos estudantes, que hoje formam verdadeiras agremiações estudantis. As tunas fazem mais comumente suas apresentações nos eventos da instituição; todavia, reúnem-se com regularidade na associação dos estudantes ou em bares, por diversão. Em Évora, há um dia de competição de tunas, oportunidade na qual podem ser vistas nos principais pontos turísticos do centro histórico.

de praxes⁷ e prendas⁸. São sinal de vida que faz pulsar as muralhas da cidade de Évora, testemunhas de tantas estações.

7 *Praxes* é o termo usado para as brincadeiras feitas com os calouros de cada faculdade no início do ano letivo. No Brasil, chama-se *trote*.

8 *Prendas* é o prêmio dado a quem vence uma competição. Por extensão, diz-se da própria competição.

CONHECER E SE RECONHECER

Ericka Martins de Matos

Estive a primeira vez em Portugal em 2013, por ocasião de uma bolsa de mobilidade internacional oferecida pelo Banco Santander no âmbito do mestrado. Devido às minhas férias de trabalho, essa experiência durou apenas um mês. Naquela ocasião, pouco interagi com alunos estrangeiros e portugueses, porque cheguei em julho e era mês de férias.

Sou brasileira com dupla cidadania. Minha mãe é portuguesa. Por ela ter imigrado muito pequena e ter sido alfabetizada no Brasil, ela fala português sem qualquer sotaque Portugal. Meu pai, embora brasileiro, era filho de portugueses. Então minha infância é recordada pelos domingos em família, todos reunidos na casa dos meus avós portugueses, tanto maternos como paternos, com a maioria dos tios conversando com sotaque português.

No entanto, engana-se quem pense que eu tive alguma vantagem ao chegar em Portugal e não me deparar com a dificuldade do idioma. É óbvio que depois de muitos anos vivendo no Brasil, ainda com algum sotaque, meus familiares não falam como os portugueses em Portugal. Meu primeiro choque foi chegar ao hotel e não entender absolutamente nada do que a recepcionista disse, isso mesmo, a “recepcionista”. Assistir a TV ou ouvir rádio era incompreensível. Só depois de um mês, quando eu já estava em Lisboa para retornar ao Brasil, foi que me surpreendi ao ouvir uma rádio e compreender o que o locutor falava quando eu passava por um café.

Quando estive a primeira vez em Portugal, fiz estágio na Universidade de Aveiro. Lembro-me de passear pela cidade e dizer para mim: “*Deve ser bem legal viver aqui!*”. Nunca pensei que esse desejo se tornaria uma realidade. Muita coisa aconteceu na minha vida nesse intervalo entre 2013 e 2017, mas foi a partir de 2015 que comecei a avaliar as possibilidades de fazer o doutorado em Portugal, fosse sanduíche ou pleno. Em 2017, meu contrato de trabalho acabou e decidi por não renová-lo. Optei por usar minhas economias e investir na minha carreira acadêmica. Candidatei-me ao curso de Formação Avançada em Turismo (CFAT) da Universidade de Aveiro, por eu já conhecê-lo e também a cidade. Após um ano, com todas as disciplinas concluídas, você pode parar e obter um certificado de pós-graduação *lato sensu* ou seguir com seus estudos para o doutoramento a partir de uma nova candidatura. Optei pelo doutoramento porque não estava segura se ia gostar do curso.

Cheguei a Portugal em setembro de 2017 e foi bem diferente da experiência anterior. Hoje, posso dizer que a primeira foi mais turística. Na segunda vez, o fato de ir para morar, ter que procurar casa para alugar, tirar Número de Identificação Fiscal (NIF), atestado de residência, entre outros documentos, mesmo com a cidadania portuguesa, é que imigrante é sempre imigrante. Eu brinco ao dizer que não adianta apresentar o meu Cartão Cidadão e abrir a boca, pois meu sotaque não nega que sou brasileira. Mas, ao invés de criar bloqueios e preconceitos, de ser aceita ou não pelos portugueses, resolvi criar uma empatia. Comecei a pensar em como eles são culturalmente, entender a História de Portugal. Assim, por um lado, passei a entender que alguns portugueses não gostam dos portugueses que imigraram para o Brasil. Entender que algumas palavras ditas em português de Portugal têm influência espanhola; outras foram traduzidas porque na época da ditadura de Salazar os portugueses eram proibidos de falar e usar palavras em inglês. Aprender ao invés de criticar ou desdenhar. Respeitar.

Por outro lado, nesse exercício e nessa curiosidade pela maneira de falar que nos une e nos afasta, percebi e aprendi que muitas palavras ou expressões que no Brasil consideramos erradas, como “negoceia”, “alumia”, “aluguer”, “mais pequena”, em Portugal são corretas. Quando lembro que muitas dessas palavras ditas no Brasil são consideradas erradas, não as vejo mais com preconceito e intolerância, pois sei que, em parte, elas sofreram a influência da colonização portuguesa. Penso, então, que esta é a melhor

das experiências como brasileira em Portugal: reconhecer tanto do Brasil em Portugal, como de Portugal no Brasil, seja no idioma, na arquitetura, na cultura, seja na gastronomia. Aprender a valorizar e apreciar essas semelhanças e diferenças que nos enriquecem como nações irmãs.

Além disso, toda essa experiência serviu para eu reconhecer minha descendência. Lembro-me de que quando criança eu me incomodava com as roseiras plantadas pela minha mãe no quintal, pois sempre me espetava nelas. Lembro-me de criticar minha mãe quanto à escolha das plantas para o jardim. Como bióloga, enfatizava que ela tinha que procurar apenas plantas nativas. Eis que reparei nos jardins das casas portuguesas e reconheci todas as plantinhas que minha mãe também tinha no jardim de nossa casa. Reconheci que era a maneira de ela levar um pouquinho da lembrança de Portugal, sua terra natal, para sua nova vida no Brasil. Entendi perfeitamente o que é ser imigrante, pois agora eu também o sou. Fiquei feliz ao ver um jacarandá florido em Portugal, igual ao que tem no Brasil, e me lembrar de minha terra natal, entendendo a felicidade de minha mãe com as flores que lembravam a terra dela. Essa é uma experiência que eu jamais teria se viesse a Portugal só como turista.

E foi “turistando” aqui, logo que cheguei, pois era meu aniversário, que conheci duas conterrâneas, Gicele e Liliane. Dessas coisas que você se pergunta se é coincidência ou não. Fui conhecer uma vindima¹ no Douro. Elas também. Sentamo-nos à mesma mesa para almoçar e logo vieram as surpresas das coincidências. Nós três, brasileiras, a estudar em Portugal. Liliane e eu, aniversariantes naquela data. Foi assim que entrei para o grupo de *WhatsApp* dos “Doutorandos em Lisboa”. Gicele já estava retornando ao Brasil, mas Liliane ainda passeou comigo em Aveiro e depois me apresentou para outra colega, com quem morava, a Mirelle, que, assim como eu, é ciclista. Marcamos de conhecer a Costa Nova de bicicleta. Também conheci por meio de Mirelle outra ciclista, a Rosa, que é portuguesa. Em Aveiro, tem uma ponte chamada “Laços de Amizade”. Nela deixamos nossa fitinha de amigas ciclistas. Acredito que são essas as melhores experiências que levamos dessa oportunidade de viver e estudar em Portugal, as amizades que fizemos, os preconceitos que quebramos, a cultura que agregamos, enfim, conhecer e reconhecer-se nas diferenças e semelhanças entre Brasil e Portugal e nos grandecer como melhores cidadãos.

1 Período em que os parrerais estão cheios de uvas, prontas para a colheita.

LEMBRAR PARA NÃO ESQUECER: REMINISCÊNCIAS DE UM PROCESSO EM CURSO

Giani Rabelo

Cheguei a Lisboa com meu filho Renan, um lindo adolescente de 15 anos, em meados de dezembro de 2017. Meu marido tinha ido semanas antes e estava nos aguardando. Ele já estava um pouco ambientado com a nova morada, apesar de ser um apartamento de um quarto (T1), em um prédio bastante antigo. Era tão grande o seu entusiasmo, que nas mensagens escritas e em áudios no *WhatsApp* ele só nos dizia: “*Lisboa por si só se basta!*”. O prédio onde moramos e os demais da região são dos anos 1800. Em um mapa de época, já aparece a Rua dos Prazeres, que fica nas imediações da famosa Rua São Bento, entre o Parlamento e a estação de metro¹ Rato. Um local muito próximo ao centro histórico de Lisboa. Conseguimos alugar esse apartamento antes de virmos a Portugal, por meio de um contato que nos foi passado por um amigo que já tinha vindo em 2017.

Vimos para permanecer por oito meses e para fazer nossos pós-doutorados: eu na área da História da Educação, na Universidade de Lisboa, e meu marido na área de História Econômica, na Universidade de Coimbra. Nosso filho ficou conosco apenas durante as férias escolares, pois não quis deixar a

¹ Estação de metro em Portugal, que fica no Largo do Rato. Metrô para nós brasileiros.

escola e os amigos no Brasil. Concordamos com a decisão dele; afinal, fazer o pós-doutorado foi um projeto nosso (meu e de meu marido) e não dele. Nesse caso, ele poderia voltar e ficar sob os cuidados dos meus pais. Foi a melhor escolha, pois no final das férias ele já estava muito entediado e não via a hora de voltar para a casa. Tenho outra filha, mas ela já está mais independente e, como está trabalhando, não pôde vir nos visitar.

Vou contar um pouco de minha experiência vivenciada em Lisboa, ou seja, de dezembro (2017) a março (2018), pois em abril fomos morar em Coimbra. Iniciei a escrita deste texto quando estávamos na estação de comboio² Santa Apolónia esperando o Alfa Pendular para Coimbra, em uma situação, no mínimo, engraçada! Além da greve dos comboios e, por isso, da redução de horários, estávamos nos sentindo como retirantes, cheios de malas que mal conseguíamos carregar. Ainda bem que um rapaz com o seu cãozinho amigo nos ofereceu ajuda em troca de algumas moedas. Tudo o que tínhamos estava nas quatro malas grandes, duas pequenas (além de outras duas grandes que já estavam em Coimbra na casa de um casal amigo) e mais duas mochilas. Havia de nossa parte também, é claro, muita expectativa em relação à nova morada. Tomamos a decisão de mudar de cidade por dois motivos: aluguéis mais baratos e proximidade com a Universidade de Coimbra, mesmo sabendo que eu teria que viajar semanalmente e/ou quinzenalmente para Lisboa. Mas, nada mais justo para os dois, quatro meses em Lisboa e outros quatro em Coimbra.

Morar em Lisboa, ter o convívio com os lisboetas e com a universidade foi uma experiência intensa e difícil de exprimir nestas poucas páginas, mas vou tentar trazer para esta narrativa aquilo que mais me marcou, que mais significou. No início, tudo era novo, apesar de eu já “conhecer” a cidade e a universidade. Visitar é uma coisa, morar é bem diferente. Uma estada prolongada como essa nos permitiu conhecer tudo com mais calma e apreciar essa linda cidade, que, no seu passado, viveu desgraças com o terremoto de 1775, seguido de um maremoto e incêndio e que foi reerguida pelo controverso Marquês de Pombal. Seu encanto foi e continua sendo forjado na composição de um mosaico do qual fazem parte seus moradores locais

2 Estação de trem para nós brasileiros.

e imigrantes, ruelas, monumentos, museus, teatros, jardins, parques, lojas, edificações antigas, o famoso pastel de Belém e tantos outros doces maravilhosos, bacalhau, cafés, restaurantes e, como não poderia faltar, o lindo Rio Tejo e a monumental Ponte 25 de Abril, denominação que veio em substituição à denominação Ponte Salazar, com a queda da ditadura do Estado Novo. O cair da tarde de domingo nas margens do Rio Tejo, nas imediações da Torre de Belém e no monumento Padrão do Descobrimento, com o olhar voltado para a Ponte 25 de Abril e para o Cristo Rei, além da companhia de algumas gaivotas, é uma paisagem que enche os olhos de qualquer um.

Durante minha estada em Portugal, decidi ter um diário que é meu confidente. Nele escrevo “tudo” o que considero ser mais importante. Já tenho esse hábito há algum tempo; costumo fazer isso nas pequenas viagens que realizamos. No caso dessa, foi com o objetivo de eternizar este momento da minha vida, pois tomar a decisão de deixar o meu querido país, que está passando por momentos bem difíceis, além da minha família, dos amigos e da nossa casa, não foi nada fácil, principalmente quando feito isso aos 50 e poucos anos de idade. E, ainda, quando feito no final de ano, abrindo mão de passar o Natal e a entrada do Novo Ano com a família. O jeito foi comer um prato de bacalhau e o bolo rei no Natal, que aliás é uma delícia, e participar dos shows na virada do ano na Praça do Comércio, mesmo sem muita vibração e alegria. Nós, brasileiros, temos uma coisa que é só nossa: alegria e espontaneidade. Penso que os portugueses, pelo menos os lisboetas, perderam um pouco disso. Os imigrantes e os chamados “retornados” vibravam muito mais, principalmente os africanos.

Nos primeiros dias da nossa estada em Lisboa, senti uma espécie de explosão de emoções, não conseguia nem dormir. Estudar, pesquisar ou ficar na rua para conhecer tudo, eis a questão! A gente ficava se cobrando muito: se ficasse na rua, não estaria estudando; se ficasse estudando, não estaria conhecendo a cidade. Além disso, vinha um sentimento de que tínhamos que aproveitar tudo, não deixarmos nada para trás. O nome disso, até agora, não consegui descobrir. Só sei que nos causou uma ansiedade muito grande. Mas, felizmente ou infelizmente, com o passar dos dias, o encantamento com a cidade foi diminuindo na medida em que fomos nos tornando parte do lugar e ganhando familiaridade. A cidade foi se tornando mais real e menos espetacular. Engraçado quando começamos a dar informações para os que

chegavam, para os “perdidos”, pois ficávamos nos sentindo o máximo. Mas, antes disso, foi preciso errar muito para acertar. Perguntar é sempre o indicado, e os lisboetas são ótimos em dar as informações, em ajudar quem está chegando – pelo menos foram em nossa experiência. Além disso, contamos com muitos brasileiros em vários cantos daquela cidade e daquele país.

O lado cultural de Lisboa é intenso. Além dos museus, há uma infinidade de eventos bem em conta ou até gratuitos. Claro que para nós tudo é caro, principalmente quando um euro equivale a quatro reais. A gente tenta não converter, mas nem sempre é possível. Ainda bem que na condição de estudantes temos descontos em quase todas as entradas dos museus. Os lugares mais interessantes que visitei foram a Cinemateca Portuguesa e o Museu da Liberdade e da Resistência (Museu do Aljube). Na Cinemateca, além de poder assistir aos filmes por um valor muito baixo e como estudantes mais ainda, tomamos algumas “imperiais”³ e visitamos a livraria várias vezes. O engraçado é que sempre víamos praticamente o mesmo público, um povo mais descolado, ou seja, os cinéfilos, apesar de eu não me considerar uma. Assistir a filmes coloridos, que ficavam mais coloridos naquela grande tela, ganhou um ar de coisa *vintage* ou até retrô (nunca sei muito a diferença!). No Museu do Aljube, minhas emoções afloraram. Além de ser um museu novo e moderno, fundado em 2015, apresenta o lado triste e desumano da ditadura Salazar (aliás, não existe ditadura melhor ou pior, basta ser ditadura!). Senti-me emocionada várias vezes e identifiquei-me com aqueles e aquelas que foram vítimas de prisão e tortura, principalmente com as mulheres que passaram por tanta dor e humilhação.

Nosso país e muitas de nossas cidades, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, não deixam por menos, mas Lisboa tem seu charme. Além disso, representa nossa raiz europeia associada à nossa raiz africana. Mas, como em alguns países europeus que conheço, as pessoas negras continuam fortemente presentes nas atividades braçais. Dito de outra forma, no trabalho mais precarizado.

Mesmo com a desigualdade social, que é inerente ao capitalismo, pode-se caminhar sozinho à noite com tranquilidade ou usar o metrô. Talvez isso seja um dos pontos que tenha atraído muitas pessoas da classe média brasileira para Portugal. Pelas notícias e programas de televisão, pude perceber

3 Chopp.

nitidamente esse movimento. A classe social que contribuiu para o grande retrocesso social no Brasil é a mesma que veio morar em Portugal em busca de segurança. Algo, no mínimo, questionável. Pior é ouvir alguns com complexo de “vira-lata”, dizendo que em Portugal (Europa) tudo funciona. Certamente funciona, mas tudo é pago e, além disso, qualquer coisa que se compra tem nota fiscal (até um cartão postal), assim se pode dizer que a sonegação é quase zero. Os sonegadores brasileiros são os primeiros a dizer que em Portugal tudo funciona e que no Brasil só existe violência e corrupção.

Do ponto de vista acadêmico, posso dizer que minha pesquisa, com o plano de trabalho intitulado “Políticas públicas e experiências portuguesas voltadas para a preservação do patrimônio histórico educativo: avanços e impasses”, está caminhando muito bem. Sou movida pelo objetivo de conhecer o trabalho que está sendo feito em Portugal pelo poder público e pelas escolas. Resumidamente: visitei museus pedagógicos, núcleos museológicos, bem como arquivos históricos escolares. No trabalho de campo, pude conhecer o Museu Escolar localizado na Freguesia de Marrazes, no Concelho de Leiria, e fiquei surpresa ao saber sobre a forma como surgiu, a partir da iniciativa de algumas professoras de uma escola, bem como sobre a dimensão que ele foi tomando na região nos últimos anos. Visitei também alguns antigos liceus em Lisboa, nomeadamente o Passos Manoel, o Amália Vaz de Carvalho, o Camões e o Pedro Nunes (atualmente denominados Escolas Secundárias). Pude também conhecer outros museus na Espanha, como os museus pedagógicos da Universidade de Huelva e da Universidade de Sevilha.

Na realização da pesquisa, estou me pautando em três questões: Que políticas públicas têm sido implementadas pelo governo português para a salvaguarda e a preservação do Patrimônio Educativo das escolas? Que iniciativas governamentais e não governamentais estão sendo colocadas em prática para sensibilizar e auxiliar as unidades escolares no processo de preservação de seus arquivos? Como as unidades escolares têm participado do processo de preservação de seu patrimônio?

Depois desse percurso, mesmo tendo outros espaços a visitar nos próximos quatro meses, pretendo me dedicar à escrita a partir das entrevistas e das observações realizadas. Meu objetivo não é realizar um estudo comparativo entre Portugal e Brasil, mas fazer algumas aproximações, realizar alguns

diálogos a fim de fortalecer o trabalho que estamos realizando em meu grupo de pesquisa.

Durante a minha estada em Lisboa, também tive a oportunidade de realizar, de forma oficial, um estágio no Arquivo Nacional na Torre do Tombo (ANTT), no Laboratório de Conservação e Restauro. Fui muito bem acolhida e trago comigo grandes conhecimentos que enriquecerão o trabalho que estamos realizando nas escolas de nossa região. Tive a oportunidade de conhecer todo o percurso realizado pelos documentos, desde o momento em que chegam, na forma de doação ou de aquisição, até o momento em que são disponibilizados aos pesquisadores, digitalmente ou na forma impressa (original). Tenho a certeza de que o mais importante que restaurar um documento é tomar todos os cuidados para a sua preservação, dando-lhe suporte para que sobreviva por mais tempo e seja disponibilizado para investigadores, o que, nesse caso, é a missão do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Na Universidade de Lisboa, participei de alguns seminários investigativos, palestras, mesas-redondas e reuniões do grupo de pesquisa, que foram coordenados pela professora Dra. Maria João Mogarro que, por sinal, me recebeu muito bem e me foi fundamental, dando-me dicas importantes para o desenvolvimento da minha investigação.

A experiência acadêmica está sendo ótima, talvez com um pouco de estranhamento ainda com relação à estrutura curricular da pós-graduação, que é diferente da nossa, como também com o tal Acordo de Bolonha e as mudanças na relação das graduações/licenciaturas e os mestrados em boa parte dos cursos. Em Portugal, para estar em sala de aula, em qualquer nível, é preciso ter o mestrado. Em geral, as licenciaturas são realizadas em três anos e o mestrado em dois. O mestrado assume mais uma função de especialização profissional, sem abandonar a pesquisa.

Do ponto de vista pessoal, nesses quatro meses, posso afirmar que foi uma experiência repleta de desafios, de dor (e muito frio!!!), mas de muita aprendizagem e superação. Estar longe do nosso país, da nossa casa, dos nossos filhos, de nossos pais e irmãos, de nossos sobrinhos e amigos e lidar com algumas perdas a distância representa ter que lutar todos os dias contra a saudade e contra o vazio que às vezes aparece com muita força. É impossível, em determinados momentos, evitar perguntas como: *"Mas o que é que*

eu vim fazer aqui mesmo? Será que precisava tudo isso?". No *lattes*, não tem espaço para esses sentimentos. Ainda bem que a nossa vida vale mais que um *curriculum vitae*.

Termino este texto com uma profunda tristeza, mas com uma forte esperança! MARIELLE PRESENTE e LULA LIVRE!

Coimbra, 9 de abril de 2018.

PORTUGAL DOS MEUS ENCANTOS E DESENCANTOS: DO SANDUÍCHE AO PÓS-DOC

Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo

Neste texto, quero falar de minhas experiências, vivências pessoais e culturais enquanto estive em um outro país, no caso, em Portugal. Não quero falar de experiências acadêmicas, essas ficam para discussões futuras. Bom, como a maioria dos brasileiros, principalmente os do Norte e Nordeste, por causa do processo de formação de nossa identidade sociocultural, pisar em terras lusas é colocar o pé no caminho da nossa história, até então conhecida por meio de livros, filmes e fotografias. Por isso a minha sensação ao chegar pela primeira vez ao aeroporto de Lisboa ter sido um misto de emoção, cautela e curiosidade. Emoção por estar na terra do povo que fez e faz parte da nossa cultura e da nossa narrativa e luta, pois me senti uma personagem reconstruindo a própria história de vida no tempo, no espaço e nos conflitos emocionais e reais. Essa emoção se traduziu em cautela, para não transformar sentimentos oriundos de histórias passadas e, muitas vezes, mal contadas em rancor ou divergências negativas. Assim, a curiosidade em descobrir ou desbravar aquele país tomou as rédeas de minhas experiências por lá e dirigiu minhas ações durante as minhas estadas em Lisboa, claro! E não foram poucas.

Estive em Portugal para estudo em dois momentos: um para fazer um “sanduíche” por seis meses, em 2005, na Universidade Lusófona; outro para

um pós-doutoramento de um ano, em 2017, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Aparentemente, eu teria levado 12 anos para retornar a Portugal, mas não foi bem assim. Precisei retornar outras e outras vezes e a cada retorno um sentimento novo se abriu no meu ser. A cada retorno descobri uma nova cidade, uma nova arquitetura, um novo prato, um novo evento cultural e um povo renovado.

O ano de 2005 foi o ano em que eu cheguei a Lisboa pela primeira vez para iniciar meus estudos, precisamente em setembro, e aí fiquei até abril de 2006. Foram pouco mais de seis meses para a realização do que denominamos “bolsa sanduíche” no Brasil, pois eu fazia doutorado na Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), no Rio Grande do Sul. Foi o ano de início de minha primeira experiência internacional, principalmente de um choque cultural forte que tive que enfrentar em Portugal. Enfrentar preconceito já fazia parte de minha rotina, pois sou baiana, logo, nordestina. Para conviver na região sul do meu país, ainda preciso saber lidar com o preconceito. E olhem, não sou de tez escura.

Foi muito difícil, nos primeiros momentos, entender e aceitar a aspereza no falar, a lógica do raciocínio e o significado de certas palavras que no nosso vocabulário têm um sentido e no luso têm outro. Como entender que homem, em Portugal, anda de camisola (camisa de manga comprida) e mulher de cuequinha (calcinha), sem sorrir e curtir a situação?

O trato dado aos brasileiros e às brasileiras, naquela época, principalmente às mulheres, era constrangedor na maioria das vezes. Enfrentei situações de discriminação por ser mulher brasileira, por ser um perigo para as mulheres portuguesas e seus relacionamentos afetivos e casamentos. O território português havia recebido até aquele ano milhões de brasileiros que fizeram o “êxodo” por dificuldades financeiras que enfrentavam no Brasil por causa de governos anteriores. Foram para lá para trabalhar e sustentar suas famílias, que haviam ficado no Brasil – situação semelhante à dos nordestinos em relação à fuga para São Paulo. Além disso, havia um número significativo de mulheres brasileiras que estava vivendo na prostituição. Brasileiros estudando no país eram muito poucos em relação aos anos seguintes, mas, mesmo assim, estrangeiros brasileiros e africanos, principalmente os angolanos e moçambicanos, já enchiam as academias lusas. O contrário também aconteceu, presenciei situações em que os brasileiros reagiam muito mal aos

portugueses, em especial quando tinham que abrir as bolsas e mochilas em supermercados para averiguação devido à norma da casa.

Confesso que nos primeiros meses de convivência com os lusos, eu me embrutei, mas procurei um jeito de lidar com as situações sem me sentir magoada. Foi assim que saí de Portugal. Ali, naquela época, deixei amigos e amigas lusos à espera de que um dia eu retornasse ao país. Mas eu precisava descobrir uma boa estratégia para conquistá-lo. Daí, ao invés de me preocupar com as diferenças, dediquei-me a encontrar semelhanças, diversidades e a aprender sobre esse povo e a buscar e experimentar elementos da cultura local. Busquei identificar semelhanças no trato, pois também não somos santos e tão delicados assim; nas comidas, das quais recebemos obviamente muita influência; na arquitetura, cujas marcas estão em nossas cidades, como Salvador e Ouro Preto; nas questões de política, luta pela igualdade social, combate à violência doméstica, dentre outros, e foi aí que descobri que existiam bairros sociais, bairros de lata e de papel.

Assisti a novelas, prestei atenção nas propagandas, nas peças teatrais, nos programas de televisão e descobri que a telenovela juvenil “Morangos com Açúcar” era uma versão lusa da telenovela brasileira “Malhação”. Assisti também aos jogos de futebol pela televisão e daí vi que alguns dos principais times lusos da equipe, ou equipa, em português de Portugal, eram formados por muitos jogadores brasileiros.

Nesse caminho foi que descobri também, por meio de portugueses, portuguesas ou, simplesmente, tucas, como os chamamos, que o Brasil e os brasileiros, como eles nos chamam, já faziam parte de Portugal há muito mais tempo que eu imaginava. Descobri que a feijoada era prato especial, que eles curtiam o carnaval brasileiro e, o mais curioso, que uma das músicas mais tocadas lá, há tempos, da qual eu vi um LP, era *Bilu Bilu Teteia*. Que Roberto Carlos era paixão nacional lusa, assim como Ângela Maria, Peninha e, mais atualmente, Maria Rita e Ana Carolina, dentre outros artistas brasileiros.

Conheci a história do “25 de Abril” e fui à festa do Avante, um grande evento cultural internacional. Nela, o Brasil estava representado. Aí me veio à lembrança a canção composta por Chico Buarque e Ruy Guerra, em 1973, “O Fado Tropical”, uma crítica à ditadura militar no Brasil – “Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal, ainda vai tornar-se um imenso Portugal” –, que fala do

meu, do seu, do nosso Brasil. E, mais uma vez, lá veio o Chico com a música “Tanto Mar”, dedicada à Revolução dos Cravos, em 1974 – “[...] e enquanto estou ausente, guarda um cravo para mim [...] eu queria estar na festa, pá, com sua gente”. “O Fado Tropical” se tornou também a canção do “25 de Abril” para muitos tugas e brazucas.

Eu me dediquei a conhecer Portugal e a sua música, além do fado, e fui, inclusive, a um concerto ou *show*, como falamos aqui, de *hip-hop* luso. Não entendia nada do que falavam, por causa do sotaque, mas foi muito bom estar lá. E, neste texto, quero deixar registrado que fui apresentada, via CD, à música de um artista que eu e um amigo tuga chamamos de Raul Seixas de Portugal. Eu me refiro a Antônio Variações, já falecido, cuja rebeldia, irreverência e conteúdo musical lembram o nosso “Maluco Beleza”. Conheci a música do Rui Veloso e do Paulo Gonzo e me diverti com as músicas Pimbas, aquelas de duplo sentido, também com as músicas do cancionista popular trabalhadas por Diolinda. O *rock* português me surgiu por meio das bandas Chutos e Pontapés e O Clã. A banda *The Gift* que, apesar de seu nome ser em inglês, é tipicamente portuguesa, seduziu-me com a música “Fácil de Entender”. Entretanto, não poderia sair de Portugal sem curtir o fado e aí tirei foto com Marisa, a fadista, e me encantei com a voz de Camané. Foi em Portugal também que eu conheci a música da Sara Tavares e da Lura, ambas portuguesas com ascendência cabo-verdiana, e também o ritmo da Kizomba e do Funaná. Um fato curioso foi quando, um belo dia, andando de comboio, que no Brasil tem o significado de trem, na rota Lisboa-Porto, um grupo de escoteiros entrou cantando e tocando violão, o que durou a viagem toda, nos proporcionando uma viagem agradável e divertida. Nessa ocasião, tive o prazer de ouvir, com o sotaque luso bem carregado, um deles cantando a música dos Mamonas Assassinas, “Brasília Amarela” – “Mina, seu cabelo é da hora [...] você é meu chuchuzinho”. Eu me diverti muito nesse momento. Assim, comecei a ser feliz em Lisboa e a querer viajar pelo Portugal dos meus encantos e desencantos!!!!

Voltei várias vezes, mas como turista. Queria redescobrir Portugal e tirar o ranço que guardei, pois é um lindo país e seu povo também o é. Mas só em 2017, por ter a oportunidade de passar um ano lá novamente, que percebi com mais clareza as mudanças ocorridas no espaço e no povo português, principalmente em relação ao trato com os brasileiros. Acredito que tais

mudanças ocorreram por causa dos novos objetivos que moveram os brasileiros a cruzarem o oceano e a enfrentarem uma nova cultura. Isso por causa da gestão e dos significativos investimentos em capacitação e qualificação docente, incremento na pesquisa e na internacionalização das universidades brasileiras por parte da vontade política dos governos que se seguiram no país a partir de 2003. Além disso, Portugal, após um período de crise que fez com que muitos brasileiros retornassem ao Brasil, investiu intensamente no turismo e na permanência de estrangeiros em território luso, incluindo brasileiros como habitantes e residentes no país. Também se transformou em uma das nações mais bem-vistas e desejadas no continente europeu. Essas ações, nos dois países, modificaram a forma de tratar e respeitar o outro, mesmo que ainda como uma semente que está a germinar, seja na variante do português de Portugal ou germinando, como é no português do Brasil.

Nesse período de um ano, fui muito melhor recebida pelo povo português, e nós, turistas ou estudantes, passamos a ser importantes para o desenvolvimento econômico do país. Portugal ainda estava lindo, a arquitetura, de certo modo, ainda estava sendo “preservada”, porque alguns prédios antigos e residenciais estavam se transformando em hostel e outros sendo vendidos para estrangeiros, uma espécie de limpeza social urbana nos espaços urbanos tradicionais. A música continuava “bombando” e artistas brasileiros como Seu Jorge, Chico César, Ana Carolina, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, Gal Costa, entre outros, continuavam fazendo *shows* em Portugal. Foi com surpresa que descobri que a juventude lusa ouve o *funk* brasileiro e curte Ludmilla e Anitta. Além disso, eles estavam criando *funks* lusos. Fiquei mais surpresa ainda ao saber que eles ouviam também a Pablo Vittar, visto o grau de conservadorismo que ainda havia e há em Portugal.

Visitei a Santa Casa da Misericórdia, a Casa da Achada – que tem documentação sobre a vida e a obra do artista plástico Mário Dionísio – e a Exposição sobre Betâmio Almeida e Nikias Skapinakis – educadores e incentivadores da Educação pela Arte – em Portugal. Além de conhecer exposições nacionais, visitei também as internacionais, como no caso das exposições de Escher, Miró e Leonardo da Vinci.

Esse país que “Cheira bem, cheira a Lisboa” me conquistou por sua arquitetura e tecido urbano, pelos inúmeros museus e pelos inúmeros eventos culturais, mas, principalmente, pela preservação de documentos em suas

bibliotecas e em seus arquivos. Percorri várias cidades e vilas lusas, pois para mim cada uma tem sua particularidade, sua identidade e seu encanto. Experimentei da sua culinária e de cada doce que representa e caracteriza cada uma dessas vilas e, claro, do vinho, do bacalhau, da batata, do azeite, da azeitona e do pão. Aliás, dos vários tipos de pão, detalhes que não podem faltar à mesa portuguesa.

Foi assim que conquistei e me permiti ser conquistada por Portugal!!! Foi assim que Portugal “veio ni mim” e foi assim que passei a me sentir em casa nesse território!!!

SOBRE HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO: DAS PRAXES À QUEIMA DE FITAS

Karina de Fátima Gomes

Évora é uma cidade histórica, capital do Distrito de Évora, na região do Alentejo, sul de Portugal.

O seu centro histórico é muito bem preservado e isso lhe valeu, no ano de 1986, o título de Patrimônio Mundial pela UNESCO, tornando-se importante cidade turística em Portugal e na Europa. Entre seus pontos turísticos principais estão o Templo Romano de Évora (Templo de Diana), a Capela dos Ossos, a Igreja da Sé de Évora e o Colégio do Espírito Santo.

A cidade alentejana tem aproximadamente 57 mil habitantes (sendo em torno de 10.500 alunos matriculados na Universidade de Évora, nos cursos de graduação e pós-graduação), o que a torna um dos grandes atrativos e responsáveis pela economia local.

A Universidade de Évora foi a segunda universidade a ser fundada em Portugal. Após a fundação da Universidade de Coimbra, em 1537, fez-se sentir a necessidade de uma outra universidade que servisse o sul do país.

Évora, metrópole eclesiástica e residência temporária da Corte, surgiu desde logo como a cidade mais indicada [...] Ainda que a ideia original

de criação da segunda universidade do Reino tenha pertencido a D. João III, coube ao Cardeal D. Henrique a sua concretização. Interessado nas questões de ensino, começou por fundar o Colégio do Espírito Santo, confiando-o à então recentemente fundada Companhia de Jesus. Ainda as obras do edifício decorriam e já o Cardeal solicitava de Roma a transformação do Colégio em Universidade plena. Com a anuência do Papa Paulo IV, expressa na bula *Cum a nobis* de Abril de 1559, foi criada a nova Universidade, com direito a leccionar todas as matérias, excepto a Medicina, o Direito Civil e a parte contenciosa do Direito Canónico.

A inauguração solene decorreu no dia 1 de Novembro desse mesmo ano. Ainda hoje, neste dia se comemora o aniversário da Universidade, com a cerimónia da abertura solene do ano académico. (NOTAS..., 2014, p. 1)

Assim, no dia 01 de novembro, é oficialmente comemorado o aniversário da Universidade de Évora e realizada a abertura oficial do ano letivo, em uma tradicional cerimónia nos claustros do Colégio do Espírito Santo, prédio principal da Universidade de Évora.

Anterior a essa data, a cidade vive dois meses de uma movimentação intensa de jovens estudantes que chegam à cidade para o início do ano letivo, vivenciando intensamente a vida estudantil.

Durante esse período, acontecem as praxes estudantis, que são o equivalente aos “troles” nas universidades brasileiras. Essa prática é completamente incorporada ao cotidiano das universidades portuguesas e, em Évora, carrega muitas tradições.

Tudo é regulamentado pelo Conselho de Notáveis e pela Associação Acadêmica da Universidade de Évora (AAUÉ), que supervisionam as atividades estudantis nas praxes, acompanham todos os movimentos dos alunos, são responsáveis pelos eventos, pelas festas e pelas punições (quando necessárias), os quais são supervisionados também pela Reitoria.

Esta crônica é uma tentativa de registro de tudo o que pude viver, conviver, presenciar, ouvir, rir e aprender sobre a cultura da Universidade.

Ao som incessante de jovens pelas ruas, cantando “Qual é o melhor... qual é o melhor curso da UE... é o curso de ...”, a vida segue sua rotina na

pequena cidade cercada pelas belas muralhas construídas nos séculos III, VII e VIII.

Todos os procedimentos das praxes e da vida académica dos alunos da Universidade de Évora são determinados, regulamentados e publicados no CEGARREGA (Código Estudantil de Graus Académicos, Regulamentos e Regras de Exegese e Gírias Académicas), que apresenta os graus estudantis pelos quais os alunos irão passar em seu percurso académico.

O código afirma que os alunos que se matriculam pela primeira vez na UE são denominados bichos e que só passam a ser caloiros a partir do dia 1 de novembro desse ano (UÉ, 2013), após passarem pelo período de praxes.

Os bichos ou os caloiros não podem fazer uso dos trajes académicos (“a roupa de Harry Potter”) antes do segundo ano (e essa data não é marcada pelo calendário letivo, mas pelo aniversário da UÉ – 1º de novembro), então na noite de 1º de novembro acontecem duas coisas simultaneamente: os bichos se tornam caloiros em uma cerimônia que dura todo o dia, e os caloiros do ano anterior ganham o direito de usar os trajes académicos, sendo duas comemorações (e uma correria louca para se trajar e participar da festa já em grande estilo).

Após se tornar caloiro, gradativamente, ano a ano, o aluno vai ganhando graus: Bicho, Caloiro, Senhor Estudante, Digníssimo Senhor Estudante, Muy Ilustre e Digníssimo Senhor Estudante (1º ao 5º ano de curso). Após o 6º ano de curso, o aluno é denominado Venerável Senhor Estudante. O Venerável com maior número de matrículas na UE ganha o título de Geraldo ou Geraldês Sem Pressa (o que eu considero estranho, pois seria o estudante que nunca consegue se formar...) e é reconhecido por todos.

Aos estudantes mais destacados e com reconhecido mérito são concedidos os títulos de Notáveis. Em consequência, eles passam a participar do Conselho de Notáveis, o que lhes confere grande *status*.

O traje académico também tem regras e formas corretas de ser usado, conforme o CEGARREGA:

- Usa-se no ombro (que bem quisermos), quando dá jeito;
- Usa-se traçada quando nos apetece e sem obrigação de esconder os colarinhos;

- Usa-se traçada, secundum praxis, na serenata Monumental e em trupe (aí sim, há o cuidado de procurar esconder as golas da camisa), apenas e só (nem mesmo para “praxar” isso é norma ou tradição);- Usa-se descaída pelos ombros quando nos apete;

- As dobras que se fazem na capa são as que cada um achar mais conveniente. Não existe qualquer tradição em que seja, 2, 3, 4 ou por alma seja de quem for;

- Usa-se totalmente descida, secundum praxis, e sem dobras, em cerimónias solenes e em locais específicos (como locais de culto, por exemplo), e os colchetes apertam-se em cerimónias fúnebres (altura em que as carcelas da batina também se fecham) ou em estado de luto.

Tudo o mais que os artigos em causa contemplam, tipificam e escrutinam ao milímetro são papismos sem fundamentação na tradição. (NOTAS..., 2014, p. 1)

Tudo muito estranho aos olhos de uma estudante brasileira de doutoramento: muitos alunos vestindo seus trajes acadêmicos e andando pela cidade, bebendo e fumando, com seus bichos a tiracolo. Eu demorei muito tempo para compreender todos esses protocolos. Ouvindo os estudantes, as histórias e as tradições, pude compreender a teoria, mas a prática só foi interiorizada quando presenciei a emoção das pessoas (estudantes, familiares, professores) no dia 1º de novembro, quando participei da cerimônia.

A cerimônia formal se dá no Colégio do Espírito Santo, onde os professores entram em cortejo até a Sala de Atos da Universidade de Évora. A reitora profere seu discurso de abertura do ano letivo, juntamente com um representante de cada categoria (professores, funcionários, alunos), com a presença de autoridades, pais, convidados, alunos. No encerramento dessa cerimônia, os Notáveis adentram os claustros da Universidade e, posicionando-se em duas fileiras paralelas, descem suas capas ao chão para que os docentes sejam então recebidos pelos alunos, que fazem belíssimas apresentações artísticas.



Imagens 1 e 2

Cortejo de entrada dos docentes. Abertura do ano letivo 2017/2018

**Prof.^a Dra. Ana Maria Costa Freitas (reitora da UE) na abertura oficial do ano letivo (01/11/2017).*

Fonte: UÉ (2018).



Imagem 3

Tuna Acadêmica
da Universidade de
Évora (01/11/2017)

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Imagem 4

Cerimônia de abertura
do ano letivo (01/11/2017)

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir de então, o espaço é tomado pelos estudantes que, de forma muito organizada (e barulhenta), entram, curso a curso, para serem “batizados” na fonte central dos jardins da Universidade. Em duas fileiras laterais, os professores se posicionam e recebem os alunos, que entram junto com seus padrinhos e madrinhas, passam por esse corredor de “Notáveis” até chegarem à fonte central, onde tiram dos pés pantufas, que são guardadas com as de todos os outros estudantes, e os mergulham na fonte.

À meia-noite desse dia, em frente à Igreja da Sé, a cerimônia se encerra com uma visão quase surreal: todas as pantufas, de todos os estudantes que tiveram seus pés mergulhados na fonte, são arremessadas ao ar, em uma chuva de sapatinhos que não tem fim. Cada estudante tem que localizar seu par perdido... e deixar então de ser bicho para se tornar caloiro (e um ano depois, na mesma noite, ter direito a usar os trajes acadêmicos...), em uma sucessão de tradições que não têm fim.

O ciclo se encerra na cerimônia da Queima das Fitas, espécie de formatura, cujo ponto máximo é ser jogado dentro de uma piscina de lona..., mas isso é uma outra história.

Referências

NOTAS ao Código de Praxe da Universidade de Évora (CEGARREGA). In: **Blog Notas & Melodias**: Sobre Tradição Académica. [S. l.], 05 jun. 2014. Disponível em: <http://notasemelodias.blogspot.com/2014/06/notas-ao-codigo-de-praxe-da.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA - UÉ. **A Universidade em Imagens**. Évora: UÉ, 2018. Disponível em: https://www.uevora.pt/conhecer/a_universidade/a_universidade_em_imagens. Acesso em: 10 abr. 2018.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA - UÉ. **CEGARREGA**. Évora: UÉ, 2013, p. 12.

Outras fontes consultadas

CONSELHO DE NOTÁVEIS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA. **Informações:** esclarecimento. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: www.cn.uevora.pt. Acesso em: 10 abr. 2018.

PLÁCIDO JUNIOR, J.; CARVALHO, M.; CAMPOS, T. Praxes: O Código Secreto. **Revista Visão**, Porto Salvo, jan./fev. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B0Zh3rWCBd2DN1FCbHFOUUZCU2M>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PRAXES Académicas Humilhantes. **Reportagem emissora SIC**. Publicada por William Baskerville. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LurYc82DP9A>. Acesso em: 10 abr. 2018.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA - UÉ. **A Universidade:** breve História da UÉ. Évora: UÉ, s.d. [on-line] Disponível em: http://www.uevora.pt/conhecer/a_universidade. Acesso em: 10 abr. 2018.

POR ENTRE MURALHAS: NOSSO CAMINHO EM TERRAS ALENTEJANAS

Leonardo José Freire Cabó

Era primeiro de setembro quando cheguei a Évora. Três malas, algumas peças de roupa e cerca de 10 livros – selecionados rigorosamente – que deveriam me ajudar a dar continuidade ao texto da qualificação que havia sido marcada para março de 2018, período em que retornaria ao Brasil.

Fazia um sol forte quando, ao caminhar da Estação de Comboios ao Centro Histórico, deparei-me com aquelas muralhas que me “protegeriam” por sete meses e que junto à cidade me oportunizariam momentos de crescimento pessoal e profissional jamais imaginados.

Fazia exatos dezenove dias que eu estava em terras portuguesas. Aquele dia, em específico, mexeu completamente com minha estrutura emocional. Por volta das 10 horas, com algumas sacolas nas mãos, no caminho do supermercado até minha casa, no Centro Histórico e de frente para a Praça do Giraldo – palco de diversos acontecimentos da inquisição portuguesa, instituída em maio de 1536 –, eu me pus a repensar no porquê de ter escolhido sair do meu Estado e do meu país em busca de um sonho. Coloquei-me, então, a escrever. Uma parte significativa das questões que afloraram naquele dia são retomadas neste texto.

Eu poderia escolher falar do modo de tratamento dispensado por alguns portugueses a nós, brasileiros, recém-chegados ao país ou do elevado nível de educação de tantos outros, mas decidi não fazer isso neste texto. Conheci pessoas fantásticas durante os 201 dias que caminhei por aquelas terras lindas.

Eu poderia falar mal do Brasil, como fazem muitos ao chegarem em/de Portugal, mas não saí do Brasil com verbas públicas para falar mal do meu país. Sempre que pude, falei sobre o Golpe vivido nos últimos dois anos, dos retrocessos e das violências que presenciamos cotidianamente, do extermínio da população pobre e indígena, dos moradores das comunidades ribeirinhas ou da população que vive nas ruas, dos homossexuais e travestis e da população negra. Falei sobre a exploração desenfreada da Amazônia, sobre o desmonte dos serviços públicos, dentre tantas outras questões.

Eu poderia falar sobre o quanto foi difícil suportar a falta que senti da minha mãe, dos meus amigos, da minha casa, da minha cama quente e do quanto cada escolha feita pesou. Para muitos, sair de casa representa liberdade, é motivo de ostentação. Para outros tantos, e me incluo precisamente aqui, sair de casa foi sinônimo de crescimento pessoal e profissional. Não demorou muito para eu descobrir/perceber o quanto me fazia falta o cheiro da minha casa e o quanto isso faz sentido na minha construção enquanto sujeito.

Eu poderia dizer (eu vou dizer isso sempre) o quanto foi gratificante, e construtora, todas as experiências vividas até então e o quanto me provocou estar no Curso de Educação de Infância da Escola de Ciências Sociais (ECS)/ Mestrado em Educação Pré-Escolar onde cursei uma disciplina chamada Pedagogia da Educação de Infância de zero a seis anos (Mestrado em Educação Pré-Escolar) e acompanhei outras duas, quais sejam: Prática Pedagógica em Jardim de Infância (Curso de Licenciatura em Educação Básica) e Prática de Ensino Supervisionada (PES) no Pré-Escolar (Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar). Em Portugal, encontrei abrigo para o desenvolvimento de minha pesquisa (meu mais sincero e carinhoso agradecimento!).

Durante o período no exterior, sob a orientação da Professora Doutora Ana Artur (Departamento de Pedagogia e Educação), foi possível desenvolver parte importante da pesquisa da tese. Avançamos na compreensão das políticas públicas para a educação de crianças de zero a seis anos, objeto de

nossa pesquisa, e sobre os fundamentos que orientam o modelo pedagógico do Movimento Escola Moderna (MEM) portuguesa que tem como fundamento teórico os estudos de Vygotsky, Bronfenbrenner, Bruner e Dewey.

A possibilidade de estágio no exterior permitiu, ainda, a construção de uma rede de colaboração com pesquisadores de diversas regiões de Portugal e de outros países, como Angola, Luanda, Moçambique e também de outras regiões do Brasil, como São Paulo e Londrina, fator importante e que enriquecerá, no meu modo de ver, as pesquisas e os trabalhos que poderão ser desenvolvidos pelos próximos anos na área de Educação Infantil e Estágio Supervisionado em Educação Infantil. A oportunidade de diálogo com pesquisadores da área de Educação Infantil alargou-se durante os Sábados de Animação Pedagógica realizados pelo MEM, tanto em Lisboa como em Évora.

Ao longo desse período, participei de dois cursos sobre igualdade de gênero e combate à violência de gênero oferecidos pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e pela Universidade de Évora (UÉvora), quais sejam: UNigualdade – Programa de Promoção da Igualdade e Diversidade Social e de Combate à Violência Doméstica e de Género (24h) e o Curso de Especialização em Igualdade de Género – Formação de Públicos Estratégicos na área de Cidadania e Igualdade de Género na Educação Básica (58h). A nosso modo de ver, tais cursos possibilitar-nos-ão (re)pensar as relações e a(s) violência(s) de gênero que presenciamos nas Escolas Públicas em nosso país, sobretudo durante o acompanhamento do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, área de atuação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Meu agradecimento por todas as oportunidades e experiências vividas durante o(s) caminho(s) em terras portuguesas.

Maringá (PR), 03 de maio de 2018.

"NADA ACONTECE POR ACASO"

Liliane de Oliveira Neves

// Nada acontece por acaso" foi a frase que li em um muro, na cidade de Beja, em Portugal, logo quando saí da estação de trem. E ainda tinha uma data logo abaixo do texto: quatro de outubro de dois mil e quatorze, para indicar bem o dia em que um determinado sujeito enunciador resolveu expor sua crença. É justamente nisso em que acredito e foi o que marcou a minha trajetória ao longo do estágio de doutorado sanduíche realizado em Lisboa.

Foi no dia do meu aniversário, em 28 de setembro de 2016, que resolvi me candidatar à seleção de bolsistas da CAPES, no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Tinha apenas 24 horas para providenciar toda a documentação, já que o próximo dia era a data limite para submeter minha candidatura. Nesse curto período de tempo, e com o apoio de pessoas especiais, foi possível me inscrever.

Estou inserida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, mais especificamente no campo da Linguística Aplicada, e meu projeto de pesquisa trata sobre o exame que confere o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). À época da minha candidatura, o projeto passava por modificações. A ideia inicial era desenvolver uma pesquisa qualitativa, com foco na atuação dos avaliadores do Celpe-Bras na aplicação da prova oral. Após ter feito, como ouvinte, uma

disciplina de Metodologia Quantitativa, comecei a vislumbrar a possibilidade de fazer dialogar a Linguística Aplicada e a Estatística, desenvolvendo um estudo quantitativo. Foi a partir desse anseio que dei início à alteração do projeto e fiz minha inscrição no PDSE.

O meu orientador, Prof. Dr. Jerônimo Coura-Sobrinho, deu total apoio. E o professor da disciplina de Metodologia Quantitativa, Prof. Dr. Felipe Dias Paiva, logo aceitou o desafio de ser o meu coorientador no Brasil. Por meio deste, consegui contato com o Prof. Luís de Castro Mota, do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa, quem prontamente indicou seu grande amigo, Prof. Rui Brites, para ser meu orientador no exterior. O Prof. Rui, Sociólogo de formação, desenvolve pesquisas com métodos quantitativos e tinha exatamente o perfil que eu precisava para que pudesse desenvolver o meu “plano” de trabalho no exterior. Fiquei extremamente feliz quando recebi o seu aceite!

A partir daí, tudo foi acontecendo com sucesso... Nada por acaso! Fui aprovada no processo seletivo, providenciei novo passaporte, recebi a carta de aceite, providenciei o visto, o PB4, as passagens aéreas etc. E a hospedagem? Parece loucura, mas resolvi fazer a reserva de um apartamento, juntamente com outra doutoranda brasileira com quem nunca tive contato pessoalmente, a Carla Mirelle. Combinamos tudo por *WhatsApp*, a partir das conversas no grupo “Doutorandos em Lisboa”. Após tudo acertado entre nós duas, descobrimos que somos da mesma área, Letras, e participaríamos de um mesmo evento em Santarém.

Cheguei a Lisboa em agosto de 2017 e em setembro dei início ao estágio de doutorado sanduíche. Ao chegar ao ISEG, fui muito bem recebida por Filomena Ferreira e pelo Prof. Luís Mota. Logo depois, conheci o meu professor orientador e mais tarde meu amigo, Prof. Rui Brites.

O ISEG é uma instituição centenária que tem por missão:

[...] a criação, transmissão e valorização social e económica do conhecimento e da cultura nos domínios das ciências económicas, financeiras e empresariais, num quadro de pluralidade e de garantia de liberdade intelectual e científica, de respeito pela ética e de responsabilidade social. (ISEG, s.d., n.p.).

Foi onde tive a oportunidade de sair um pouco da minha zona de conforto ao participar de eventos, palestras e assistir às defesas de mestrado e doutorado da área da Gestão e da Economia.

Nos corredores, cantinas e restaurantes, sempre tinha alguém com a seguinte interrogação: *"O que você, da área de Letras, veio fazer aqui, no ISEG?"*. E eu tinha o maior prazer em responder: *"Desenvolvo uma pesquisa quantitativa e sou orientada pelo prof. Rui Brites, que utiliza métodos quantitativos em seus estudos"*. Ao explicar mais sobre a minha pesquisa, muitos professores se dispuseram a me ajudar, indicando livros, conversando, indicando outros professores, sugerindo palestras e disciplinas. Esses diálogos muito me ajudaram a refinar aquilo que eu começava a materializar no texto da minha tese.

Encontros quase que semanais eram realizados com meu orientador. E sempre produtivos. Ao mesmo tempo que eles me deixavam empolgada com as novas descobertas ante as análises dos dados, também me deixavam apreensiva por estar lidando com uma área completamente nova para mim. Essa apreensão rapidamente passava, pois a competência, a leveza e o carinho com que o Prof. Rui lidava com a minha pesquisa faziam com que tudo se tornasse mais palpável. O seu ciclo de amizades também me ajudou: ele me colocou em contato com o Prof. João Marôco, vinculado ao Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Isso mesmo: João Marôco! O autor do livro *Análise estatística com o SPSS Statistics*, que eu já estava estudando desde a disciplina de Métodos Quantitativos que fiz como ouvinte. Marôco desenvolve pesquisas de base estatística e também atua na mesma área (entre outras) em que eu estava desenvolvendo meu projeto: avaliação em larga escala. Portanto, foi um fator fundamental para que minha tese ganhasse um rumo mais acertado.

Além dele, outro professor que contribuiu bastante para os meus estudos foi o Prof. Jorge Filipe Gomes, do ISEG, por compartilhar comigo os seus conhecimentos sobre confiabilidade em testes de larga escala.

A trajetória no ISEG foi leve! Leves também são as pessoas que conheci por lá, das quais destaco Filomena, Gicele, Cláudia, João (Advance), além, claro, dos professores Rui e Luís.

O período em que morei em Portugal muito me serviu para conhecer mais de perto a cultura, a culinária, os vinhos, o povo... De lugares, tive o

prazer de conhecer Cascais, Fátima, Nazaré, Beja, Sintra, Óbidos, Porto, Aveiro, Coimbra, Évora e alguns outros, além da própria Lisboa, que é uma maravilha de cidade. Fiz grandes amigos, como Filomena, Rosa, Éricka, Jorge Lima, Lucivânio, e ganhei mais uma irmã, Carla Mirelle, pois a convivência no apartamento que alugamos não podia ter sido melhor.

Todo esse cenário e essas pessoas foram essenciais para que o meu anseio de fazer dialogar a Linguística Aplicada e a Estatística se materializasse em um texto de tese.

Dificuldades? Sim. Tive! Mas apenas aceitar, com naturalidade, as palavras *rapariga* e *propina*.

Termino este texto ressaltando que todos esses acontecimentos são mais uma prova de que:



Imagem 1

Inscrição no muro que fica em frente à estação de trem na cidade de Beja, Portugal

Fonte: Acervo pessoal da autora. (07/01/2018).

Referência

INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO - ISEG. **Quem somos:** missão/valores. Sem data de publicação. Não paginado. [on-line]. Disponível em: <https://landportal.org/pt/organization/instituto-superior-de-economia-e-gest%C3%A3o>. Acesso em: 17 abr. 2017.

FELIZ ESTADIA EM PORTUGAL

Margaret Seghetto Nardelli

Conversar com os portugueses traz uma alegria imensa; você começa a falar, mas, na maioria das vezes, a narrativa segue só do outro lado, e como é bom ouvi-los; sabem de tudo, interagem sobre qualquer assunto; sabem do Brasil, às vezes até mais que você, e sabem de Portugal. Digo sempre que adoro conversar com a minha “senhoria” (senhora dona do apartamento), pois ela é de uma sabedoria incrível. Já ficamos conversando, eu a ouvir, horas seguidas, sem repetir um assunto, a história contada em pormenores. Muitas das 30 cidades de Portugal que visitei, fui incentivada por ela, a quem vamos chamar de Maria. Maria, essa amiga, que sempre esteve pronta para resolver qualquer problema. Levou-me a visitar locais pelas suas narrativas empolgantes, que sempre foram comprovadas em minhas viagens.

As cidades que conheci, além de Lisboa, foram Aveiro, cidade do vai e vem da Ria de Aveiro ou foz do Vouga, que é o nome dado ao estuário do rio Vouga, ao encontro da água do mar com o rio. Pelo canal da Ria trafegam barcos moliceiros, tornando-o encantador.

Em Albufeira, não deixem de conhecer a praia do pescador. Ali pegamos um táxi, eu e minhas amigas, em Faro, uma cidadezinha do sul de Portugal, para ir conhecer a praia. Acabei me sentando na frente, com o motorista, e, nesse meio tempo, ganhando conhecimento sobre Albufeira e suas melhores praias, uma delas a do Pescador. Adquiri, nesse rápido momento do trajeto,

conhecimento também sobre como é feita a retirada da cortiça dos sombreiros. Muito interessante é o tempo de retirada. Eles marcam a árvore e, como a retirada é de nove em nove anos, os números da marcação são postos em grau de descendência, para não ocorrer a retirada do material antes do prazo e prejudicar a árvore.

Almada fica para lá do rio Tejo, um rio de uma beleza encantadora, que é o mais extenso da Península Ibérica. Para chegar a Almada se faz a travessia no barco cacilheiro, que sai do cais do Sodré para chegar a Cacilhas, a entrada de Almada, Freguesia afamada pelos vestígios de ocupação humana que remontam ao século VIII a.C. As escavações arqueológicas revelam vestígios da Idade do Bronze. Em Almada, o deslumbre acontece quando você chega, caminhando ou de autocarro, ao mirante do Cristo Rei. A estátua foi construída a 215 metros acima do nível do mar, com os braços abertos para Lisboa, um abraço protetor para Portugal. Foi inaugurada em 1959 como agradecimento por Portugal não ter entrado na II Guerra Mundial. O monumento Cristo Rei oferece uma panorâmica de 360 graus das margens do rio Tejo e da ponte Vasco da Gama até Belém.

E por falar em Belém, essa é uma paixão antiga, uma Freguesia que pertence ao concelho de Lisboa, ao norte das margens do rio Tejo. Bairro de charme único, com seus destaques, como a torre de Belém, testemunho de outras eras, de embarcações marítimas rumo às conquistas. Além da torre, Belém também é charmosa por seus museus, palácios e belos jardins. Eu a visitei várias vezes para me deliciar com os seus pastéis de Belém.

Também me apaixonei por Braga. Se estiver chovendo, deixa chover, Braga continua linda. Fiquei encantada com o Santuário do Bom Jesus do Monte, local católico dedicado ao Senhor Bom Jesus. Lá no alto, fica a igreja, cujas escadas representam a Via Sacra do Bom Jesus. Foi construída para fortalecer a fé dos crentes e para que caminhem rumo à redenção e à purificação. Também fiquei encantada com o Santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e com Fátima, que em um momento necessário foi gratificante para abrir o coração e preenchê-lo com muito amor e paz.

Em Bragança, fui à procura de conhecimento, mas também encontrei o castelo de Bragança, um dos mais importantes e bem preservados castelos portugueses, localizado no centro histórico da cidade. Ele foi construído em

uma elevação, e do alto de seus muros você pode observar as quatro serras, Montesinho, Nogueira, Sanabria e Rebordões.

Passando por Coimbra, fiquei deslumbrada com a Tradicional UC, uma das mais antigas e a maior Universidade de Portugal. A voz dos estudantes, caracterizados com suas vestimentas, além de seduzir pelo aspecto místico que mantém no imaginário, faz da Universidade de Coimbra um chamariz para novos alunos.

E por falar em beleza, beleza natural que você arregala os olhos na compreensão de como é deslumbrante e de como você é pequeno em tamanha grandeza, basta ir para Ericeira, Peniche, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Costa da Caparica, entre outras. E em beleza por conhecimento visite cidadezinhas lindas com suas histórias em volta de suas ruelas: Évora, Guimarães, Mafra e o apaixonante e exuberante Porto.

Lembrando de alguns episódios que fizeram do meu ciclo em Portugal um momento de prazer e compreensão de como somos parecidos, estava um dia na cantina tomando um café sem leite e mais fraco que o nosso cafezinho, o “abatanado”, ouvindo brasileiros em socialização com portugueses e me divertindo com as explicações de expressões brasileiras em comparação com expressões portuguesas. Realmente, somos um povo irmão, com expressões hilariantes. Isso me faz lembrar um dia na faculdade quando ouvi minha colega pedir para a professora se ela tinha “durex” do qual ela precisava. Lembro-me de ouvir as gargalhadas da professora ao explicar que durex era o nome de camisinha para uso na relação sexual e que ela não tinha isso no momento, mas que poderia ter fita cola para ela.

Outro episódio de que me lembro foi quando estávamos eu e minhas amigas à espera de um ônibus (autocarro) para voltar a Lisboa e a espera estava nos deixando angustiadas. Nisso, um senhor olhou para nós e disse que nossa espera era desnecessária, já que éramos quatro pessoas e que pagaríamos menos indo de táxi. Com um sorriso maroto, perguntamos: “*E por que não nos falou isso antes?*”. E ele respondeu: “*Vocês não me perguntaram*”. É nesse tipo de situação que se vê que eles estão atentos a tudo e a todos e, às vezes, intervêm para ajudar, mas o engraçado é que a informação desse senhor veio quando minhas amigas e eu já tínhamos perdido muito tempo esperando o ônibus.

E assim se passou um ano de um ciclo maravilhoso em Portugal, que me faz agradecer a um ser maior, pois sinto-me uma pessoa abençoada. Falo a todos: *"Vão conhecer Portugal, mas saiam do percurso turístico; conheçam as belezas de um país lindo"*. Tudo isso me fará lembrar para sempre das diferentes belezas e de um povo maravilhoso, quando realmente se vive a rotina. "Rotina?", não existe rotina em Portugal.

A EXECUÇÃO DA POLÍTICA DE RESPONSABILIZAÇÃO JUVENIL EM PORTUGAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Maria Nilvane Zanella

Durante quase seis meses, estive em Portugal como pesquisadora, estudante e turista. O percurso realizado produziu em mim uma rica transformação que foi do aspecto acadêmico ao interpessoal. Inicialmente, a necessidade de distanciamento para uma melhor compreensão sobre o objeto de pesquisa foi o principal fator motivador que me levou a apresentar o projeto de doutoramento sanduíche. Pesquisadora com larga experiência na execução e gestão de políticas para adolescentes privados de liberdade, no período de maturidade acadêmica de elaboração da tese, sentia necessidade de comprovar ou de rejeitar hipóteses sobre a política de atendimento de adolescentes em conflito com a lei, mas, para tanto, tornava-se necessário identificar como um país com realidade econômica, política, territorial e social, absolutamente diversa da do Brasil elaborava e executava

¹ A pesquisa realizada em Portugal sobre o tema foi acompanhada pelo professor doutor Belmiro Gil Cabrito que, em conjunto com a professora doutora Angela Mara de Barros Lara, orientou a tese intitulada *Da institucionalização de menores à desinstitucionalização de crianças e adolescentes: os fundamentos ideológicos da extinção da FUNABEM como solução neoliberal*, defendida na Universidade Estadual de Maringá (UEM), em abril de 2018.

a mesma política para adolescentes que escolhiam romper com as normas sociais estabelecidas pela ordem vigente.

Nos contatos iniciais com o órgão gestor dessa área em Portugal, já foi possível antever algumas particularidades, sendo a primeira delas uma formalidade bastante incomum entre brasileiros.

Com os contatos previamente realizados, desembarquei em Lisboa e já no dia seguinte fui a uma reunião com a Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais de Portugal, sem que houvesse feito anteriormente uma adaptação à realidade portuguesa ou que tivesse realizado o primeiro contato com o professor orientador da Universidade. Ao chegar ao local, espantou-me de imediato identificar na calçada do Ministério da Justiça pessoas em situação de rua que pernoitaram embaixo da marquise. Essa realidade espantou-me por dois motivos: o primeiro deles foi identificar que em Portugal havia/há pessoas nessa condição e o segundo foi verificar que elas puderam permanecer utilizando o espaço de um local de *status*, como é no Brasil, o Ministério da Justiça.

Em nossa realidade, as pessoas que moram nas ruas têm sofrido, cada vez mais, com as medidas arquitetônicas de caráter higienista que impedem o acesso às marquises como um local mais protegido para aqueles que vivem nas ruas. Apesar da curiosidade, para que não houvesse qualquer tipo de atraso, eu me dirigi à recepção com alguma antecedência. Lá chegando, fui notificada que ainda faltavam 20 minutos e que, portanto, deveria dar uma volta e retornar no exato horário da reunião. Deixado de lado o constrangimento, perguntei se não poderia esperar no local, mas a pessoa que me atendeu disse que não, pois não havia lugar para tal espera. Ou seja, descobri naquele momento que os portugueses não admitem atrasos, mas também não gostam de quem se adianta, sendo essa a primeira lição que recebi dos portugueses. A partir de então, procurava chegar, no máximo, cinco minutos antes dos horários estabelecidos.

Apesar desse estranhamento, da ausência do “sente-se e tome um cafezinho” enquanto espera, a recepção do coordenador da área foi extremamente atenciosa. De lá, saí com os horários e os locais onde faria as visitas, uma série de leis e documentos para ler, além de ter ganhado uma aula sobre o sistema português e a política de atendimento de jovens. O café,

entretanto, me proporcionou ainda outros espantos. Quando fui convidada para acompanhar as técnicas no horário do intervalo para um cafezinho, descobri que tal café significava literalmente “comprar o café” usufruído pelos trabalhadores nas repartições públicas.

A objetividade é uma marca da personalidade dos portugueses. Dessa reunião de uma hora, saí com dias e horários agendados para conhecer diversos Centros Educativos e programas de atendimentos de jovens em situação de conflitualidade, o que me permitiu identificar três diferenças significativas em relação ao modelo político adotado entre os dois países. A primeira “diferença” está na utilização do termo “menor” que ainda é utilizado em Portugal para mencionar adolescentes responsabilizados judicialmente, termo que a legislação brasileira nega. A segunda, relacionada à idade dos adolescentes atendidos, que no Brasil possui como limite os 18 anos e em Portugal os 16. A última “diferença” marcante está no fato de que enquanto o Brasil congrega as medidas de proteção e de responsabilização juvenil em uma única legislação, Portugal possui legislações específicas para cada situação: a Lei nº 166/1999, denominada Tutelar Educativa, regula a prática do crime cometido por menores com idade entre 12 e 16 anos; a Lei nº 147/1999, denominada Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, objetiva garantir a promoção dos direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo ou, melhor dizendo, em situação de risco social, de maneira a promover o seu bem-estar e desenvolvimento integral; e a Lei nº 30/2000 aprovou o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior. Esta foi revogada pela Lei nº 51/2012, denominada Estatuto do Aluno e Ética Escolar.

Outra característica interessante de ser observada possui relação com o modelo de gestão adotado: enquanto Portugal ainda possui um modelo de gestão central de administração, o Brasil pautou na Constituição Federal de 1988 a descentralização administrativa e realizou, em meados da década de 1990, a Reforma do Aparelho do Estado. Assim, cada Estado e o Distrito Federal seguem os princípios de uma legislação única, mas orientam a execução das medidas nas instituições de maneira diversa, o que apresenta especificidades que vão de diferenças entre as modalidades de ensino adotadas às cargas horárias e às nomenclaturas das instituições etc. Em Portugal, entretanto, os Centros Educativos são pautados pelo Decreto-Lei nº 323-D/2000, que promulgou o Regulamento Geral e Disciplinar dos Centros Educativos,

o que orienta uma rotina institucional bastante similar. Portanto, nesse caso específico, a existência de uma única legislação que orienta o país de maneira central tem possibilitado uma melhor coesão que se manifesta nas práticas de atendimento, ou seja, a rotina institucional é coesa e uniforme, algo impossível de ser verificado no Brasil e que é justificado pela diversidade cultural. Como pude comprovar, a opção administrativa brasileira trouxe mais malefícios que benefícios para o sistema.

As visitas às instituições, o contato com os adolescentes e com as equipes multidisciplinares que atuam nas instituições educativas, em especial nos Centros Educativos, foram um marco na minha percepção de pesquisadora sobre as políticas de atendimento de crianças e jovens. Dentre as características marcantes pode ser citado o fato de que os diretores das instituições portuguesas possuem estabilidade por serem concursados e, por isso, permanecem no cargo por um longo período; alguns tinham mais de uma década à frente da mesma instituição. No Brasil, os cargos administrativos são suscetíveis às mudanças políticas, às crises e rebeliões das instituições e, inclusive, às mudanças de Secretarias que possuem a responsabilidade de executar as medidas. Nesses casos, ora a política está na Segurança Pública, na Justiça, no Trabalho, na Educação, dentre tantas outras variações, a depender da visão do governador estadual em mandato.

Assim, a compreensão da legislação e as visitas *in loco* contribuíram para a minha formação como pesquisadora ao atuar como consultora na área de políticas para a infância e juventude. Além disso, foi possível constatar que a legislação brasileira, ao deixar abertas questões para serem debatidas em nível local pelas equipes das instituições, contribuiu para que o embate entre aqueles que defendem mais segurança em detrimento de práticas pedagógicas fosse vencido pelos primeiros. Isso não ocorreu em Portugal, que estabelece na legislação as regras de segurança e as medidas disciplinares a serem aplicadas e, da mesma maneira, o fazem em relação aos parâmetros pedagógicos, o que não gera estranhamento entre as equipes que cumprem as determinações que não são discricionárias a elas decidirem se irão ou não cumprir.

Obviamente que não se trata aqui de dizer que Portugal possui apenas experiências positivas e o Brasil, ao contrário; mas as questões apresentadas neste texto buscam assinalar que nem sempre aquilo que se apresenta como

democrático realmente o é quando promove atritos, descumprimentos e termina por não atingir aqueles que necessitam de uma atenção das políticas sociais, como é o caso dos adolescentes e jovens que cometeram atos infracionais.

Referências

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 323-D/2000, de 20 de dezembro de 2000. **Diário da República**: I Série-A, Portugal, n. 292, p. 7408(21)-7408(23), 20 dez. 2002. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/315335>. Acesso em: 28 jan. 2019.

PORTUGAL. **Lei nº 147/99, de 14 de setembro de 1999b**. Lei de protecção de crianças e jovens em perigo. Lisboa: Ministério Público, [1999]. Disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_print_articulado.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=545&nversao=&tabela=leis. Acesso em: 28 jan. 2019.

PORTUGAL. **Lei nº 166/99, de 14 de setembro de 1999a**. Lei tutelar educativa. Lisboa: Ministério Público, [1999]. Disponível em: http://www.cm-peniche.pt/_uploads/CPCJ/LeiN166-99_TutelarEducativa.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

PORTUGAL. Lei nº 30/2002, de 20 de dezembro de 2002. Aprova o Estatuto do aluno do ensino não-superior. **Diário da República**: I Série-A, Portugal, n. 294, p. 7942, 20 dez. 2002. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/405481>. Acesso em: 28 jan. 2019.

PORTUGAL. Lei nº 51/2012, de 5 de setembro de 2012. Aprova o Estatuto do aluno e ética escolar que estabelece os direitos e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação, revogando a Lei n.º 30/2002, de 20 de dezembro. **Diário da República**: 1ª Série, Portugal, n. 172, p. 5103, 05 set. 2012. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/174840>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MÃE SEM FRONTEIRAS

Tauani Zampieri Cardoso

Um ano após me matricular no doutorado, nasceu meu filho. Tornar-me mãe parecia inviabilizar o desejo de vivenciar uma experiência acadêmica fora do país, ainda mais com a impossibilidade de algum familiar ou amigo me acompanhar. No entanto, eu continuava concorrendo aos editais que surgiam em busca de oportunidades para concretizar esse desejo.

Assim, fui contemplada com a bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Os fatos que possibilitaram minha contemplação foram o apoio da minha orientadora no Brasil, a confiança depositada pelo Programa de Pós-Graduação ao me indicar como candidata, a concordância da orientadora no exterior em me receber e orientar mesmo ciente de que meu filho estaria comigo em Portugal e, sobretudo, o incentivo e suporte de meu marido para que tudo se concretizasse.

Chegamos a Portugal com um lugar preestabelecido para morar, um apartamento compartilhado, a princípio, com outros doutorandos brasileiros contemplados no mesmo edital.

Foi de imediato que me encantei com a Freguesia. Em frente ao prédio, havia um parque com *playground* para as crianças, onde se preocuparam em colocar um piso de borracha que amenizaria o impacto caso as crianças caíssem. Também havia árvores, um lago com peixes e tartarugas e equipamentos

para atividades físicas. As pessoas realmente frequentavam os espaços públicos e cuidavam deles e de suas crianças como “bens” comuns.

Durante nossa estadia, meu filho teve, bem em frente à nossa casa, um lugar bonito e seguro para brincar, se distrair, ter contato com a natureza e conhecer outras pessoas e crianças.

Nessa experiência, o que mais me marcou foi a sensação de segurança. Podia usar livremente o telefone celular nas ruas, voltar de noite para a casa andando e empurrando um carrinho de criança. Em nenhum momento me senti na iminência de ser abordada ou assaltada. Essa sensação traduz parte do que penso ser qualidade de vida, promoção de saúde.

Andamos de trem, metro, ônibus, elétrico, barco, teleférico. Quase todas as estações possuíam elevadores ou rampas de acesso, as paradas de ônibus também eram acessíveis. A organização do sistema de transportes denota respeito aos usuários. Era possível utilizarmos os meios de transporte e nos deslocarmos pelas ruas com o carrinho de bebê. É factível.

A segurança, o sistema de transportes e a acessibilidade permitiram que, mesmo eu estando sozinha com meu filho pequeno, nós tivéssemos mobilidade e pudéssemos conhecer diversos lugares.

Por falar em segurança, outro aspecto muito importante era a estrutura dos serviços de saúde de Lisboa. Saber que, se precisássemos, haveria os recursos necessários para uma assistência resolutiva e de qualidade era tranquilizador. E, de fato, quando precisamos, fomos muito bem atendidos em um serviço público de saúde.

Lisboa envolve universos bastante distintos, é cheia de arte, poesia, etnias, culturas e línguas. Fizemos amigos portugueses, brasileiros de toda parte do país, africanos, peruanos, cubanos e, entre tantas diferenças, havia sempre lugar para gentilezas, especialmente quando se tratava de alguém com criança(s).

O que deixou saudades e ganhou nosso eterno carinho e gratidão foi a escola que meu filho frequentou pela primeira vez. Logo no início, eles demonstraram disposição em adequar, desde os documentos exigidos para a matrícula, até a comida que seria oferecida ao meu filho, compreendendo nossas particularidades e necessidades.

Sem dúvida, a realização das minhas atividades acadêmicas só foi possível com o suporte dado pela escola, especialmente por uma das proprietárias. Ela demonstrou que, para eles, a escola, como parte e formadora da sociedade, atua como responsável pela proteção das crianças, independentemente da esfera em que seja necessário proporcionar essa proteção, e que ela também é um lugar onde se promove equidade, cidadania, amor e respeito.

Em Portugal, também percebi que, normalmente, os preços que os portugueses cobram pelos produtos e serviços são os mais justos possíveis.

No âmbito acadêmico, a sistemática adotada pela orientadora no exterior para o desenvolvimento das atividades também contribuiu sobremaneira para que eu pudesse estar com meu filho.

Todos esses fatores, somados, possibilitaram que meu desejo se concretizasse e que nossa experiência fosse muito bem-sucedida. Houve contratempos, saudades, foi trabalhoso, mas quando percebi que era possível fazer o doutorado sanduíche em um país desenvolvido, levando um filho pequeno, queria ficar mais.

Entre todas as experiências, destaco como parte das atividades propostas no plano de estudos as visitas que realizei a um Centro de Saúde de Cuidados Primários. Tanto os gestores, como os profissionais de saúde, foram muito receptivos e prestativos diante da minha solicitação de conhecer serviços de saúde em Lisboa. Essa oportunidade ampliou meu conhecimento e enriqueceu meu aprendizado materializando parte do que eu já havia estudado.

Nesse serviço, o trabalho era desenvolvido com comprometimento, planejamento, práticas baseadas em evidências e preocupação com a opinião e satisfação dos usuários. Sua estrutura era apreciável, e a profissional que pude acompanhar mais de perto, uma enfermeira obstetra, admirável. Sua trajetória me mostrou a importância e os resultados do envolvimento do trabalhador da saúde na busca por uma sociedade mais justa e pela concretização de direitos, especialmente, das mulheres.

O doutorado sanduíche em Portugal, desde a “primeira vista”, me encheu de aspirações e, ao mesmo tempo, de um dissabor, uma frustração.

Vi que uma sociedade mais justa, com menos desigualdades sociais, é possível mediante a instituição de políticas sociais que busquem tais

condições; no entanto, no Brasil, ainda temos muito pela frente para conseguirmos superar os persistentes obstáculos de diversas naturezas que nos acompanham ao longo dos séculos.

Fica a esperança de que um dia possamos alcançá-los.

UM RASTRO DE SI NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: O DOUTORADO SANDUÍCHE EM COIMBRA

Willian Diego de Almeida

iniciei minhas atividades de pesquisador-estudante na UFMS/CPTL em março de 2015, desenvolvendo o projeto intitulado “Mulher indígena e Lei Maria da Penha: uma análise discursivo-desconstrutivista para compreender a constituição da subjetividade *fronteriza*”, sob a orientação da professora Doutora Vânia Maria Lescano Guerra.

Como um estudante que ansiava por uma oportunidade de ampliar os “horizontes”, candidatei-me, no ano de 2016, ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), edital nº 19/2016, para o qual obtive êxito com bolsa integral cedida pela CAPES, para a realização de estudos em um período de seis meses: de junho de 2017 a novembro de 2017.

Tendo a Europa como preferência de escolha, o estágio foi aprovado para exercício na Universidade de Coimbra (UC), no Centro de Estudos Sociais (CES), localizado em Coimbra, Portugal. Por lá desenvolvi o Plano de Trabalho intitulado “Conflitualidade social e (re)produção identitária da mulher na Lei Maria da Penha”, sob a supervisão do professor Doutor Elísio Estanque. A escolha se deu pelo fato de a UC, do CES e de meu supervisor apresentarem

experiências na investigação avançada nas áreas das ciências sociais e humanas, que vão ao encontro da minha pesquisa, que gira em torno do fenómeno da língua(gem) na vertente discursiva e que se utiliza de epistemologias “outras” que sejam voltadas para compreender um *locus* (fronteiriço e subjetivo) de enunciação como brasileiro.

Mesmo após o (in)tenso processo de candidatura e de deferimento, que me possibilitaram ter um “norte” do percurso do doutorado sanduíche, ao chegar à cidade de Coimbra, Portugal, muitas coisas ocorreram. Por isso, (d)escrevo esse percurso da forma mais convencional possível: faço um recorte (discursivo), destacando um dos pontos que mais me marcou: a recepção na UC.

Antes de falar a respeito da recepção, faço um esclarecimento: a escrit(ur) a¹ que busco retratar torna-se apenas uma “rubrica” por dois aspectos: 1) O que menciono já é interpretação da (minha) memória (CORACINI, 2007), da minha subjetividade e, por isso, as informações alinhavadas nada mais são do que “rastros” de uma trajetória, mesmo que eu seja o “arconte” desta (DERRIDA, 2001, p. 12-13); 2) Seria impossível uma análise exaustiva do “acontecimento” doutorado sanduíche, até mesmo pela restrição de páginas. Portanto, sintetizar um período de seis meses, como diria Foucault (2006), é um “abrir à força”, uma escrita de si; é (des)arquivar de registros, que me “obrigam” a (re)interpretar na (minha) memória (já-ditos, pré-construídos; continuidades e descontinuidades).

A entrada à UC foi, para mim, digna de honra; mas, ao mesmo tempo, apreensiva, uma vez que as representações “clandestinas” que perfaziam a minha subjetividade estavam lajeadas por adjetivos como “estrangeiro”, “terceiro-mundista”, como muitos por aí afora fazem questão de (se/nos) colocar nessa ordem discursiva. Era como uma herança que não se fazia questão de receber, mas que parecia difícil de se distanciar.

Ao chegar à UC, fui direcionado para o CES a fim de procurar a Assessora do Conselho Científico e Coordenadora de Eventos, Comunicação e Imagem para a acolhida. Após a recepção, fiquei chocado com tamanha presteza e educação com que fui tratado. Senti-me valorizado, não só por

1 Cf. Grigoletto (2003, p. 32): “[...] o termo escritura empregado neste texto define-se como produção de linguagem, como inscrição de um texto no mundo, seja ele escrito ou falado, produzido ou compreendido”.

representar o meu país e a UFMS, mas pelo gesto de atenção que denunciou a ocorrência de mudanças, as quais iam além das proximidades entre Brasil e Portugal, uma “vizinhança” anunciada como uma ficção em livros de história colonizadora. Houve comprometimento, ética e envolvimento comigo, com a minha pesquisa e isso significou a quebra de muitas fronteiras, de maneira especial a queda da discriminação.

O acolhimento foi tão positivo, que logo fui direcionado para registro no *Welcome Centre for Visiting Researchers* (WCVR) da UC, onde tive um encontro oportuno com uma das colaboradoras da Divisão de Relações Internacionais, a qual complementou a atenção, o cuidado e as informações já oferecidas pelo atendimento que tive no CES: a importância da minha estadia por lá, da mobilidade e do acesso às dependências da UC.

Após todo esse processo, houve ainda outra recepção com o meu supervisor de estágio doutoral no exterior. O seu acompanhamento em minhas produções transformou meses, dias, horas e minutos de orientação, de pesquisas e de (re)leituras em momentos de muito aprendizado. Além disso, participei de eventos mundiais, internacionais, regionais e locais, como comunicador, palestrante e ouvinte. Essa recepção da UC e do CES representou para mim não só estímulo às minhas produções e práticas enquanto participante, como também contribuiu para o meu próprio gesto de emancipação educacional.

Todos esses momentos possibilitaram, para mim, um exercício descolonizante (LANDER, 2005) em minha subjetividade. Digo isso porque eu ponderava que a recepção, que a fala e o tratamento do outro (universidade e professor) seriam um tanto colonizadores; porém, a surpresa (positiva) me fez desconstruir essa ideia e afastar fantasmas de outrora. Foi um período de grandiosa desconstrução interior da relação eu-outro. Isso interferiu não só para o progresso da tese de doutoramento, mas para apontar que não devemos temer as exigências de um projeto global: a união de duas instâncias de conhecimento, com vistas à internacionalização de nossas instituições no Brasil, levando em consideração a transdisciplinaridade com outros “solos” epistemológicos.

Diante dessa síntese a respeito da recepção, cabe ressaltar que o PDSE pode exercer grande importância no meio acadêmico que busca uma leitura/postura crítica. Digo isso pelo fato de a UC, especialmente o CES, não reduzir

o estágio doutoral ao delimitável. Pelo contrário: ambos abrem amplamente a necessidade de pensar que é chegado o momento de derrubarmos muros e de atravessarmos despenhadeiros. De não verificarmos mais a relação do brasileiro com o português como o eu *versus* o outro, o colonizador *versus* o colonizado.

O título, especialmente “Um rastro de si [...]”, traz à baila os resíduos que (in)conscientemente constituíram o recorte desse percurso: a recepção. Rastros de si (que também é do outro) que emergem pela memória como produção de sentido e que se manifestam como efeito dos discursos fundadores da minha ipseidade. Eu pude re-criar não só informações, mas experiências que promoveram mudanças, cujas marcas me ajudaram a ser o sujeito que sou hoje e a melhorar o sujeito em que poderei me tornar amanhã...

Referências

CORACINI, Maria J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira): Plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Trad. de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Volume V: ética, sexualidade, política. Trad. de Elisa Monteiro e Manoel Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, P. 145-162.

GRIGOLETTO, Marisa. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In: ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 31-34.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Argentina, 2005.



ESTRANHAMENTOS COM A LÍNGUA PORTUGUESA DE PORTUGAL



VERBETES

▶ A

A calhar: talvez

Acarinhar: reforçar

Adepto: torcedor de futebol

Afiador: apontador de lápis

Agarrados ou toxicodependentes: viciados em drogas

Agrafador: grampeador

Alcatrão: asfalto

Alcunha (termo arcaico no Brasil): apelido

Alfacinha: lisboeta (nascido em Lisboa)

Alfarrabista: loja de livros/sebo

Alguidar: bacia

Algueres: em algum lugar, por aí

Almofada: travesseiro

Aluguer: aluguel

Amaciador: amaciante

Amo-te: te amo

Ancas: quadris

Andaram: frequentaram

Apanhada!: brincadeira de pega-pega

Apanhar: tomar (chuva), pegar (gripe, objetos ou pessoa), passar (frio)

Apelido: sobrenome

Apitar: buzinar

Afiador: apontador de lápis

Arca: freezer horizontal ou vertical

Arder: queimar

Arguido: réu, suspeito

Arrancar: começar

Arrecadação: depósito

Arrefecer: esfriar/resfriar

Arrendar: alugar

Atacadores: cadarços

Aterrar: pousar avião

Auscultador: fone de ouvido

Autarquias: prefeituras

Autocarro: ônibus

Autoclismo: descarga

Autogolo: gol contra

Avariado: quebrado

Azeitona descaroçada: azeitona sem caroço

► B

Baliza: escanteio

Balneário: vestiário

Baloioço: balanço

Banda desenhada/história de quadrinhos: história em quadrinhos

Beijinho grande: beijão

Berma: acostamento

Betinha/Betinho: patricinha/mauricinho

Biberão: mamadeira

Bicha: fila

Bico: espinha, acne

Bifes: turistas

Bilheteira: bilheteria

Bitoque: bife a cavalo

Bocadinho: um pouco

Boleia: carona

Bolseiro: bolsista

Borbulha: espinha

Borla: junto (leve um amigo a borla e ganhe um desconto). Borla é, também, de graça ou grátis

Botija: botijão de gás

Bué: muito

Bufa: pum



Cá: aqui

Cacetinho: pão

Cachorro: cão novo e pequeno

Cacife: armário (escaninho)

Cadeira universitária: disciplina ou módulo

Café abatanado: café mais fraco, com mais água

Café curto: café forte

Café sem princípio: café carioca

Cafetaria: cafeteria

Calça de ganga: calça jeans

Calçadeiro ou calceteiro: homem que faz as calçadas de Lisboa

Camião: caminhão

Camisola: blusa de manga comprida

Cancro: câncer

Capachincho: peruca

Capuchinho Vermelho: Chapeuzinho Vermelho

Caraças: espanto, impaciência, indignação ou máscara de carnaval

Carapaus: peixe bem pequeno de água doce

Caril: *curry (tipo de tempero)*

Carreira: ônibus interurbano

Carrilho: (de trem)

Carrinha: van, besta, topic

Carruagem: vagão

Carteirista: batedor de carteira

Casa de banho: banheiro

Cerveja de pressão: chope

Chapéu de chuva: guarda-chuva

Charcutaria: lugar de vender chouriço, enchidos. É o próprio conjunto de embutidos como salsichas, bacon e terrines.

Chavalo: adolescente

Chávena: xícara

Chumbar: reprovar

Cinzento: cinza (cor)

Cocho: manco
Coima: multa
Comboio: trem
Concerto: *show*
Constipado: gripado
Corgete: abobrinha
Cueca: calcinha
Cuequinha: calcinha
Cusco: bisbilhoteiro, fofoqueiro
Cuscuvilhar: fazer fofoca

► D

Descansar: acalmar
Descolagem: decolagem de avião
Defasamento: defasagem
Desmoer: fazer a digestão
Despachar: sair (ir embora)
Dia da mãe: dia das mães
Dia do pai: dia dos pais
Dióspiro: caqui
Disfarce: fantasia
Diapositivo: *slide*
Doutoramento: *doutorado*
Durex: camisinha

▶ E

Ecrã: tela de TV, tela de celular, tela de *Ipad* etc.

Eléctrico: bonde (transporte público)

Embarcar-se: engasgar-se

Encerrado: fechado

Encerrar: fechar

Enchidos: embutido

Enconstipado/constipado: resfriado

Engatar: paquerar, querer ficar, fazer sexo

Engaçado: interessante, tem graça, faz rir

Então: por quê?

Entrudo: fecho das festas de carnaval

Equipa: equipe

Escalão etário: faixa etária

Esferovorite: isopor

Esplanada: espaço com mesa e cadeira na rua, praça de alimentação

Estafeta: carteiro, quem entrega correspondência

Esteira de correr: passadeira

Estendal: varal de roupa

Está/Estou: alô

Explicador: professor particular

▶ F

Facto: fato

Fancy: muito tecnológico

Fato de treino: moletom
Fato macaco: macacão (vestuário)
Fato: terno masculino
Fazer bico: relacionado a sexo oral
Fazer de parva: fazer de bobo
Fiambre: presunto
Fiável: oportuno ou confiável
Ficheiro: arquivo
Fita cola: fita adesiva
Fixe: legal
Fomeca: fome fora de hora
Força: passe, siga
Freguesia: bairro
Frequência: prova, avaliação escolar
Frigorífico: geladeira
Fumadores: fumantes
Fumo: fumaça

▶ G

Gabinete: escritório
Gajo: moço, cara
Galão: café grande
Ganga: jeans
Gelado: sorvete
Ginásio: academia
Giro/gira: bonito(a), legal, arretado(a)

Golo: gol

Gripar: máquina que dá algum tipo de defeito

Guarda-redes: goleiro

▶ H

Hospedeira: comissária de bordo

HQs: histórias em quadrinhos, gibis

▶ I

Imperial: chope

Invisual: cego

▶ J

Janotinha: mauricinho, burguesinho, engomadinho, filho de papai

▶ L

Laço: folgado, pacto entre indivíduos ou grupos de indivíduos para determinada finalidade

Lava-loiças: pia de lavar louça

Lavandaria: lavanderia

Leite gordo: leite integral, leite com natas

Leite magro: desnatado

Leite meio gordo: semidesnatado

Levantar dinheiro: sacar dinheiro

Lixívia: água sanitária

Loiça: louça

► M

Mação: maçom

Magote: muitos

Mala: bolsa feminina

Maldisposto: mal humorado, enjoado

Malta: galera, juventude

Mealheiro: crianças

Media: média

Medrar: crescer

Meia de leite: café com leite

Meio: metade de 1 euro (ex: dois euros e meio)

Meter: colocar

Metro: metrô

Migrania: enxaqueca

Minete: sexo oral feminino

Miúdo: menor de 20 anos, filho, criança

Mola: pregador de roupa

Morada: endereço

Mota: moto

Muda de fralda: troca de fralda

▷ N

Nervoso miudinho: pequeno nervoso

Nomeadamente: principalmente

Normovisuais: pessoas que enxergam normalmente

▷ O

Obrigadinho(a): obrigado(a)

Obviar: aliviar

Oiço: ouço

Orégão: orégano

▷ P

Pachorra: paciência

Pai Natal: Papai Noel

Palheta: conversa

Palhinha: canudo

Paragem: estação, ponto de ônibus

Partir: quebrar

Parvo: boboca, pateta, tapado, distraído

Passadeira: faixa de pedestre

Pastel de bacalhau / punheta de bacalhau: bolinho de bacalhau

Pastilha elástica: chiclete

Peão: pedestre

Pegar boleia: carona

Pensos higiénicos: absorvente higiênico

Pensos: curativos

Pequenada: criança

Pequeno almoço: café da manhã

Pequenos: crianças

Pestanas: cílios

Peúgas: meias

Pica: injeção, agulha, profissional que verifica os bilhetes no trem

Pila ou picha: órgão genital masculino

Pilinha: pênis (criança)

Pipi: vagina (criança)

Piropo: cantada

Planear: planejar

Poia: merda

Polícias: policiais

Porreiro: gente boa

Portagem: pedágio

Poupado: econômico

Presunto (tipo defumado como o de parma): presunto

Princezinho: pequeno príncipe

Produtos biológicos: produtos orgânicos

Propina: pagamento, taxa

Provedor: *ombudsman*

Púcaro: vasilha com alça ou vaso de barro

Punheta de bacalhau: salada de bacalhau com alho e azeite

Puto: garoto, filho, adolescente (usado mais ao norte de Portugal)

▶ Q

Quarto de hora: 15 minutos

Queca ou pinar: foda, transa

Quinta: fazenda, granja

▶ R

Rabo: bunda

Rafeiro: cão sem raça, vira-lata

Rapariga: guria, moça

Rebuçado: bala, bombom

Recensão: nome dado à resenha acadêmica

Refilar: reclamar

Reformado: aposentado

Regatear: pechinchar, negociar preço

Registo: registro

Reguila: traquina

Renda: aluguel

Rés de chão (esquerda e direita): piso térreo (que dá para a rua)

Retrete: sanitário

Rezingão: Zangado da Branca de Neve

Roto: estragado, rasgado

Rotunda: rotatória, girador

▶ S

Sabe: ter gosto de (pra comida, por exemplo: este bolo sabe-me bem)

Sacar (dinheiro): roubar

Saldo: promoção

Salsicha brasileira: linguiça

Samambaia (planta): feto

Sandes: sanduíche

Sanita: vaso sanitário

Santinho: saúde (após alguém espirrar) – geralmente dizem *santinho*. A origem da expressão é porque antigamente acreditava-se que, ao espirrar, a pessoa se abria e espíritos ruins poderiam entrar. Então, invoca-se o santo para proteção.

Sapeiro: mergulhador

Se calhar: se der, se puder

Secretária: mesa para estudos

Sem-abrigo: sem-teto

Senhorio: locador, proprietário do imóvel locado

Sítio: lugar

Sumo: suco

▶ T

T-shirt: camisa

Talho: açougue

Tartes: tortas redondas (doces ou salgadas)

Telemóvel: celular

Terno: calça + colete + paletó

Tineta: teimoso

Tô! (abreviação de estou): alô!

Toda gente: todas as pessoas, todo mundo

Tomado: ocupado

Torta: rocambole

Tosta: pão torrado, torrada

Totó: alguém fácil de enganar

Transferir: baixar, fazer *download*

Travão: freio

Trela: coleira

Troço: trecho de estrada

Tuga: português

T1, T2, T3, T4: apartamento de 1, 2, 3 e 4 quartos, respectivamente

▶ U

Unidade curricular: disciplina universitária

▶ V

Varicela: sarampo, catapora

Violador: estuprador

Violar: estuprar

▷ X

X-acto: estilete

Xpto: qualquer coisa, alto nível

▷ Z

Zorba: calcinha

EXPRESSÕES

Agarra-me senão vou a ele: me segura senão vou dar em cima dele

Ao pé de ti ou ao pé de alguma coisa: perto

Até amanhã: tchau

Até para a semana: até semana que vem

Bate cinco: bate aqui/toca aqui

Beber na barra: beber no balcão

Boa tarde: expressão usada para cumprimentos até 20h; depois desse horário, é "boa noite"

Branqueamento de capitais: lavagem de dinheiro

Bué da fixe: muito legal

Carregar no botão: apertar o botão

Chegar-lhe a roupa ao pelo: bater em alguém

Com licença: usado no final de ligação telefônica ou ao se despedir

Dá cá um bacalhau / dá cá um passou bem: dá aqui um aperto de mão

Dar uma vista de olhos: olhar

Deitar fora: jogar fora

Dois conjuntos: duas cópias do mesmo documento

É da pica: bom pra caralho

És um prato: és uma comédia

Está a vir-me!/Estou a vir-me! Quer vir-se?: melhor hora do sexo

Estar cheia de: estar com ...(sede, frio, fome)

Estar com os copos: estar bêbado

Eu alinhô: eu concordo (no sentido de "eu topo"). Ex.: Vamos nos encontrar no bar tal.

Eu gostava: eu queria, eu gostaria

Faixa de pedestre: passadeira de peão

Falamos sem fim: falamos muito

Fazer batota: criar truques

Fazer bico: sexo oral

Fazer de parva: fazer de bobo

Fazer disparates e asneiras: fazer bobagens

Ficar/estar à risca: Ficar/Estar em apuros

Já está: pronto

Levantar dinheiro no banco: retirar, sacar dinheiro no banco

Maldisposto: quando se está doente

Mandar o Bernardo ir à feira: afogar o ganso, plantar a mandioca

Mulheres jarra: mulheres que fazem figuração em eventos esportivos

Não me acredito: custa-me acreditar

Não tem capacidade de encaixe / Não se encaixa: não tem capacidade de agir conforme a situação (não entende)

Passar a graxa: puxar o saco

Pessoa em condição de sem-abrigo: pessoa em situação de rua

Pior que estragada: muito irritada

Qual é a coisa?/Qual é ela?: o que é?

Robin dos bosques: Robin Hood

Ser uma seca: ser chata(o); sinônimo de tédio, também

Ter com alguém: encontrar alguém

Você tem muita lata: você tem muita atitude, cara de pau

Zona de restauração: praça de alimentação

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

► Bruna Potechini



Miradouro de Santa Luzia, Lisboa, Portugal (27/01/2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou estágio de pesquisa no CRIA, polo ISCTE-IUL.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, de setembro de 2017 a março de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Análise da produção de leis no Congresso Nacional, a partir da tramitação do Estatuto da Mulher apresentado em 2003 na Câmara dos Deputados em Brasília.

Órgão financiador da pesquisa: BEPE-FAPESP (bolsista na modalidade de bolsa-estágio de pesquisa no exterior).

► Camila Elizandra Rossi



Eu, Camila, com meu filho no interior do Mosteiro dos Jerônimos, Lisboa, Portugal (22/09/2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e Vínculo institucional: Doutorado em Nutrição pelo PPGN (Programa de Pós-Graduação em Nutrição) da Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Ciências da Saúde, Bolsista pelo PDSE Capes (Edital nº 19/2016) na Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS), na Avenida de Berna, Lisboa. Temática: Geografia em Saúde.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, entre setembro de 2017 e janeiro de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Georreferenciamento para avaliar a disponibilidade espacial de equipamentos urbanos pertencentes aos ambientes alimentar, de atividade física e socioassistencial, em Florianópolis, SC. Associação entre o uso e a disponibilidade espacial desses equipamentos urbanos existentes no entorno residencial de escolares de 7-14 anos e a presença de sobrepeso e obesidade.

Órgão financiador da pesquisa: MCTI/CNPq Edital nº 014/2011 (Processo nº 483955/2011) e Bolsa pelo PDSE Capes (Edital nº 19/2016).

► Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa



Praça do Comércio, Lisboa, Portugal (07/01/2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Brasil: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Portugal: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, no período de agosto de 2017 a fevereiro de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: O estudo "REINSERÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO DE RUA: a atuação da Turma da Sopa de Niterói sob uma perspectiva interacional". Estuda interações entre voluntárias da Turma da Sopa e seus assistidos. À luz do aparato teórico-metodológico da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS, 1992), temos os seguintes objetivos: (a) caracterizar o processo de intervenção social identificando as diferentes etapas e suas ações; (b) verificar como os voluntários realizam as ações; e (c) discutir o que essas práticas revelam sobre o melhor modo de realizar a abordagem social.

Órgão financiador da pesquisa: CAPES – Processo PDSE/CAPES: 88881.133011/2016-01 (Migrado - SICAPES3).

▷ Carolina Faria Alvarenga



Torre de Belém, Lisboa, Portugal (janeiro de 2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil, sob orientação da Prof.^a Dra. Cláudia Pereira Vianna. Estágio realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Portugal, sob orientação da Prof.^a Dra. Maria João Cardona.

Cidade onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, de 22 de julho de 2017 a 7 de fevereiro de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana no Brasil: diálogos com uma política de igualdade de gênero em Portugal. Pesquisa sem financiamento.

Órgão financiador da pesquisa: (em licença com vencimentos).

► Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira



Átrio do Colégio do Espírito Santo,
Universidade de Évora, Évora, Portugal
(13/04/2018).

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Curso e vínculo institucional: Doutorando vinculado ao Curso de Doutorado em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Évora, de setembro de 2016 a junho de 2017; e a partir de julho de 2017 em Lisboa.

Breve apresentação da pesquisa: Releitura, sob a perspectiva filosófica, da obra deixada por Moshe Feldenkrais.

Órgão financiador da pesquisa: Financiamento próprio.

► Ericka Martins de Matos



Ponte Laços de Amizade, Aveiro, Portugal (14/01/2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Universidade de Aveiro (Doutorado pleno em Turismo).

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Aveiro, desde setembro de 2017. **Breve apresentação da pesquisa:** Projeto de investigação, ainda em definição, a ser relacionado aos impactos socioambientais das atividades de turismo em zonas costeiras.

Órgão financiador da pesquisa: Sem financiamento.

► Evaldo Balbino



O autor autografando no lançamento do seu livro de poesias *Fantasma de Joana d’Arc*, no Theatro Municipal de Resende Costa – MG (12/09/2017).

Fonte: Acervo pessoal do autor.

É poeta e escritor. Nasceu em Resende Costa, Minas Gerais, e vive desde 1995 em Belo Horizonte. É licenciado em Letras, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde é professor de Português e pesquisador de literatura. É membro da Academia de Letras de São João del-Rei (ALSJDR), onde ocupa a cadeira nº 1, cujo patrono é o político, escritor, professor e advogado provisionado Severiano Nunes Cardoso de Resende (1847-1920). Tem crônicas, poemas, contos, artigos e ensaios de crítica literária publicados em antologias, suplementos literários, jornais e revistas acadêmicas. Assina, desde 2009, a coluna “Retalhos Literários” do Jornal das Lajes (www.jornaldaslajes.com.br). Já recebeu diversas distinções literárias, destacando-se o Prêmio Edital Estímulo às Artes do Suplemento Literário de Minas Gerais em parceria com a Fundação Clóvis Salgado em 2005; o Prêmio Braskem da Academia de Letras da Bahia em 2012; o Troféu MG Cultura em 2013; o Prêmio Humberto de Campos do Concurso Internacional de Literatura da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ) em 2014; e o 3º lugar no Prêmio Saraiva de Literatura em 2014. Obras publicadas: *Moinho* (2006 – poesia), *Móbiles de areia* (2012 – crônicas),

Filhos da pedra (2012 – poesia), *Amores oblíquos* (2013 – contos), *Os fios de Ícaro* (2015 – romance), *Apesar das coisas ásperas* (2016 – crônicas), *Fantasma de Joana d’Arc* (2017 – poesia). Pela 7Letras foram editados os títulos *Amores oblíquos*, *Apesar das coisas ásperas* e *Fantasma de Joana d’Arc*.

Para contatos com o autor e mais informações sobre seus trabalhos: *E-mail:* evaldo_balbino@yahoo.com.br *Blog:* <https://evaldobalbino.blogspot.com.br/> *Site:* <http://www.evaldobalbino.com.br/> *Facebook:* <http://www.facebook.com/evaldobalbino> *Currículo Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/4498200084762279>

▷ Giani Rabelo



Jardim das Amoreiras, Lisboa, Portugal (24/12/2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC/ Pós-Doutorado na Universidade de Lisboa – Instituto de Educação sob supervisão da professora Dra. Maria João Mogarro.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, de dezembro de 2017 a março e 2018, e Coimbra, de abril a julho 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Os objetivos do meu estudo intitulado “Políticas Públicas e Experiências Portuguesas Voltadas para a Preservação do Patrimônio Educativo: Avanços e Impassessão”: identificar as políticas públicas que têm sido implementadas pelo governo português para a salvaguarda e preservação do Patrimônio Educativo das escolas; conhecer as iniciativas governamentais e não governamentais que estão sendo colocadas em prática para sensibilizar e auxiliar as unidades escolares no processo de preservação de seus arquivos escolares e perceber como as unidades escolares têm participado do processo de preservação de seu patrimônio em função do trabalho que venho realizando por meio do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME.

Órgão financiador da pesquisa: Licença remunerada - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

▷ Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo



Uma foto com Marielle na rua da Bica, Lisboa, Portugal (março de 2018).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nota: Registro do meu protesto contra o extermínio de militantes pelos direitos humanos que vem acontecendo no Brasil. “Marielle Presente”. **Curso e vínculo institucional:** Professora de desenho da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, na Bahia. Lotada no Departamento de Letras e Artes, na área de Artes. Pós-doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. **Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência:** Morei em Lisboa, no período de abril de 2017 a março de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Realizei pesquisa sobre a relação entre Desenho, Educação e Arte, com o tema: O desenho e a Educação pela Arte na formação do indivíduo. Como resultado dessa pesquisa, escrevi o artigo: *O desenho de Calvet e a (re)Educação pela Arte*, a ser publicado, e estou na fase de organização de um livro, *a priori*, com o título: *O Desenho e a (re)educação pela Arte*.

Órgão financiador da pesquisa: Sem financiamento.

► Karina de Fátima Gomes



Fonte do Giraldo (Praça do Giraldo),
Évora, Portugal (agosto de 2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora (Autoria:
Mônica Matos).

Curso e vínculo Institucional: Douto-
randa em Letras na Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul, *Campus Três La-
goas*.

**Cidade onde morou em Portugal e pe-
ríodo de permanência:** Évora, de abril
de 2017 a janeiro de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: A
obra infanto-juvenil de Alciene Ribeiro
Leite: acervo e fortuna crítica das obras
infanto-juvenis e classificação conforme
pressupostos teóricos de Nelly Novaes
Coelho.

Órgão financiador da pesquisa: CAPES
– Modalidade Doutorado Sanduíche –
Processo: 88881.135750 - 2016-01.

▷ Leonardo José Freire Cabó



Moinhos do Alto de São Bento (30 de novembro de 2017), um dos miradouros mais bonitos da cidade de Évora – Portugal. Ao final da aula da disciplina de Pedagogia da Educação de Infância de 0 aos 6 (Mestrado em Educação Pré-Escolar/ECS) em companhia de Ana (minha supervisora de Estágio).

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Curso e vínculo institucional: Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), Universidade Federal do Piauí (UFPI). Aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPI), nível de Doutorado, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Estágio Doutoral realizado no Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola de Ciências Sociais (ECS) da Universidade de Évora, Portugal.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Évora, de setembro de 2017 a março de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Título da Tese (provisório): A criança e a organização do Ensino na Educação Infantil: contribuições da Teoria Histórico-Cultural.

Órgão financiador da pesquisa: Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Processo n. 88881.132907/2016-01.

► Liliane de Oliveira Neves



Praça do Comércio, em Lisboa, Portugal (dezembro de 2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculos institucionais: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e doutorado sanduíche no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, no período de agosto de 2017 a fevereiro de 2018.

Breve apresentação da pesquisa:

A minha pesquisa é na área da Linguística Aplicada, mais especificamente sobre avaliação de proficiência oral, com foco no exame que confere o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo, que discute sobre a confiabilidade dos resultados do exame, entendida como uma qualidade essencial de qualquer instrumento avaliativo. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG.

Órgão financiador da pesquisa: CAPES – Processo: 88881.133494/2016-01

► Margaret Seghetto Nardelli



Praça do Comércio, Lisboa, Portugal (02/09/2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Engenharia Agrícola, Recursos Hídricos, Cascavel, Paraná, Brasil/Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, de 09 abril de 2017 a 06 abril de 2018.

Breve apresentação da pesquisa: Diatomáceas: Descritores Paleoambientais em Lagoas do Pantanal brasileiro. A pesquisa tem como foco encontrar meios econômicos de biomonitorar ambientes aquáticos que, pelo processo de ocupação em seu entorno, estão sendo cada vez mais impactados devido à intensa ação antrópica. Com esse objetivo foram geradas informações sobre a estrutura e a dinâmica das diatomáceas (algas microscópicas) em sedimentos superficiais, comparando com o estado de qualidade ambiental da água em três lagoas do Pantanal Mato-Grossense, Brasil. Buscamos, dessa maneira, ampliar o entendimento da biodiversidade de diatomáceas em ambientes ainda não estudados, como é o Pantanal, bem como subsidiar futuros estudos sobre conservação e biomonitoramento em áreas alagadas.

Órgão financiador da pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

► Maria Nilvane Zanella



Porto, Jardim do Palácio de Cristal, vista do Douro (30/07/2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Doutorado sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Lisboa, de 01/05/17 a 10/10/2017.

Breve apresentação da pesquisa: As políticas para adolescentes em conflito com a lei: compreensão sobre o sistema de responsabilização juvenil de Portugal.

Órgão financiador da pesquisa:
CAPES/PDSE – Processo nº 88881.134314/2016-01.

► Tauani Zampieri Cardoso



Aquário Vasco da Gama – Lisboa
(09/08/ 2017).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Curso e vínculo institucional: Doutorado no Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP) e doutorado Sanduíche no Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa (IHMT-UNL), no período de agosto a novembro de 2017.

Cidade onde morou em Portugal e o período de permanência: Queluz, Concelho de Sintra, Distrito de Lisboa, na antiga Freguesia Monte Abraão, no período de agosto a novembro de 2017.

Breve apresentação da pesquisa: As atividades desenvolvidas durante o Doutorado Sanduíche incrementaram e contribuíram para a produção da tese que tem como objetivo geral avaliar o cuidado pré-natal na Atenção Básica à Saúde (ABS) do Estado do Piauí. A partir dessa vivência acadêmica, foram construídos os modelos lógicos teórico e operacional da intervenção a ser avaliada, o cuidado pré-natal na ABS do Estado do Piauí, e foi proposto um estudo de avaliabilidade dessa intervenção.

Órgão financiador da pesquisa: Subsidiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

► Willian Diego de Almeida



Universidade de Coimbra (UC),
Faculdade de Economia (FEUC)
(06/10/2017).

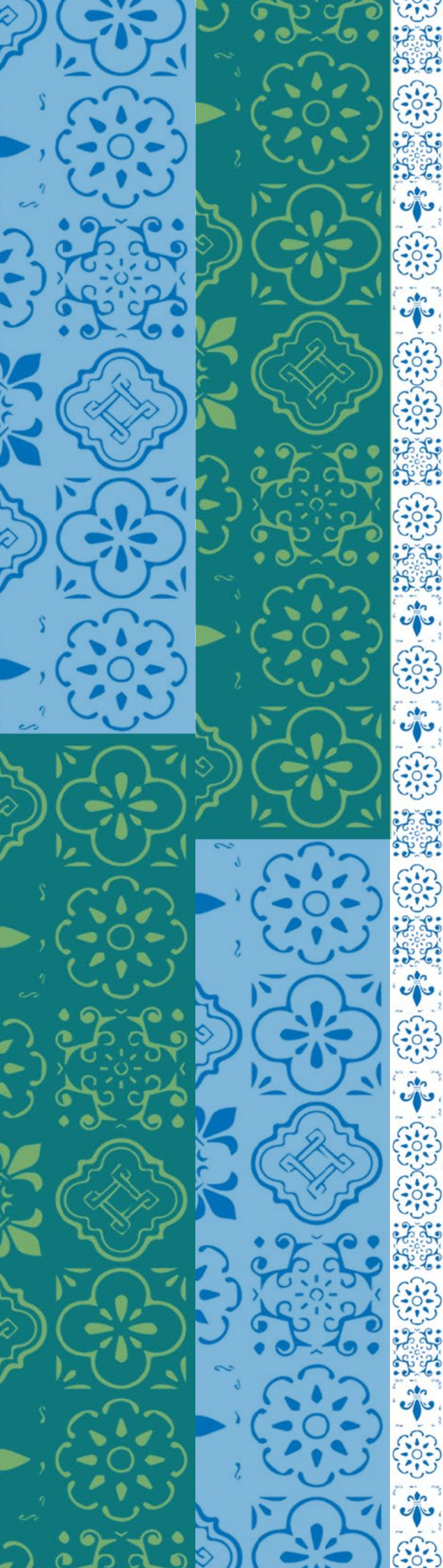
Fonte: Acervo pessoal do autor.

Curso e vínculo institucional: Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Três Lagoas (MS) – Brasil e Centro de Estudos Sociais (CES), na Universidade de Coimbra (UC).

Cidade(s) onde morou em Portugal e o período de permanência: Coimbra, de junho a novembro de 2017.

Breve apresentação da pesquisa: “Mulher indígena e Lei Maria da Penha: uma análise discursivo-desconstrutivista para compreender a constituição da subjetividade *fronteriza*”, sob a orientação da Doutora Vânia Maria Lescano Guerra.

Órgão financiador da pesquisa: Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), edital 19/2016 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Mais que quinze histórias de brasileiros em um outro país e um dicionário forjado nessa estada, este livro mapeia o que pode ser a experiência de atravessar o Atlântico e instalar-se em Portugal para um período de estudos.

Questões pragmáticas e sentimentais conjugam-se; particularidades históricas e culturais afloram; desejos e expectativas confundem-se em narrativas que explicitam o quão vasta pode ser a relação do eu e do outro, incluindo aqueles outros que nos constituem.

Leitura agradável e a impossibilidade de não se identificar, em vários momentos, com esses viajantes da contemporaneidade movidos pela conquista de novos saberes.

Entre a partida e o retorno, a riqueza de cada travessia.

Dylia Lysardo-Dias

Professora titular do Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal de São João del-Rei

AUTORES E AUTORAS

Bruna Potech

Camila Elizandra Rossi

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa

Carolina Faria Alvarenga

Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira

Ericka Martins de Matos

Evaldo Balbino

Giani Rabelo

Gláucia Maria Costa Trinchão Paulo

Karina de Fátima Gomes

Leonardo José Freire Cabó

Liliane de Oliveira Neves

Margaret Seghetto Nardelli

Maria Nilvane Zanella

Tauani Zampieri Cardoso

Willian Diego de Almeida

